



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO

Fátima Tailize Barros Machado

ARQUÉTIPOS DO FEMININO E A ELABORAÇÃO DO SER DOCENTE DAS
PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE VALE DO SOL

Santa Cruz do Sul

2024

Fátima Tailize Barros Machado

**ARQUÉTIPOS DO FEMININO E A ELABORAÇÃO DO SER DOCENTE DAS
PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE VALE DO SOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Área de concentração em Educação. Linha de Pesquisa: Linguagem, Experiência Intercultural e Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes

Santa Cruz do Sul

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Machado, Fátima Tailize Barros

Arquétipos do feminino e a elaboração do ser docente das professoras do Município de Vale do Sol / Fátima Tailize Barros Machado. – 2024.

79 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes.

1. Educação sensível. 2. Arquétipo. 3. Feminino. 4. Professoras. I. Menezes, Ana Luisa Teixeira de. II. Título.

Fátima Tailize Barros Machado

**ARQUÉTIPOS DO FEMININO E A ELABORAÇÃO DO SER DOCENTE DAS
PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE VALE DO SOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Área de concentração em Educação. Linha de Pesquisa: Linguagem, Experiência Intercultural e Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes

Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes

Professora orientadora - UNISC

Dra. Sandra Regina Simonis Richter

Professora examinadora – UNISC

Dr. José Clerton de Oliveira Martins

Professor examinador - Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Santa Cruz do Sul

2024

RESUMO

Baseado no contexto da cultura patriarcal, no qual estamos inseridos, e na educação, que vem sendo tratada como algo puramente racional, esta pesquisa busca, a partir de uma escuta atenta e sensível, valorar a trajetória pessoal de mulheres professoras vinculadas ao Município de Vale do Sol/RS. Entende-se que a formação profissional não acontece somente a partir da formação acadêmica, mas de situações enfrentadas por cada mulher professora no decorrer da vida. Além disso, busca também compreender como estas mulheres se conectam com o arquétipo do feminino. A metodologia está baseada em uma abordagem fenomenológica, na amplificação simbólica e no círculo de cultura, partindo de seis encontros, com sete professoras participantes, nos quais foi realizada a leitura de seis narrativas ancestrais das deusas gregas Ártemis, Afrodite, Perséfone, Deméter, Hera e Atena. Foram também realizadas vivências com a escrita, a pintura e a argila. Os arquétipos dessas seis deusas foram fundamentais para compreender a relação das mulheres com o feminino, além da inconsciência sobre alguns aspectos sociais que elevam a sociedade patriarcal e ainda menosprezam as mulheres na sua totalidade.

Palavras-chave: Educação sensível; Arquétipo; Feminino; Professoras.

RESÚMEN

Partiendo del contexto de la cultura patriarcal en que vivimos y de la educación, que ha sido tratada como algo puramente racional, esta investigación busca, a través de una escucha atenta y sensible, valorar la trayectoria personal de las maestras vinculadas al municipio de Vale do Sol/RS. Se entiende que la formación profesional no viene sólo de la formación académica, sino de las situaciones enfrentadas por cada mujer profesora a lo largo de su vida. También se busca comprender cómo estas mujeres se conectan con el arquetipo de lo femenino. La metodología se basa en un enfoque fenomenológico, la amplificación simbólica y el círculo de la cultura, a partir de seis encuentros con siete maestras participantes, en los que se leyeron seis narraciones ancestrales de las diosas griegas Artemisa, Afrodita, Perséfone, Deméter, Hera y Atenea. También se realizaron experiencias con la escritura, la pintura y la arcilla. Los arquetipos de estas seis diosas fueron fundamentales para comprender la relación de las mujeres con lo femenino, así como la inconsciencia de algunos aspectos sociales que elevan la sociedad patriarcal y siguen menospreciando a las mujeres en su conjunto.

Palabras clave: Educación sensible; Arquetipo; Femenino; Profesoras.

*À minha mãe Regina (in memoriam),
a Atena mais incrível que já conheci.*

*... somente o amor é capaz de gerar a alma,
mas também o amor precisa de alma.*

Harding

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela vida, pelo esforço e dedicação na minha educação, por acreditarem em mim e no conhecimento.

Agradeço à minha irmã Júlia pelo apoio, pela amizade e por estar sempre por perto.

Agradeço às mulheres professoras e colegas pelo tempo dedicado a esta pesquisa, sem elas esta escrita não seria possível.

Agradeço à Denise Gieh, coordenadora de Educação do município de Vale do Sol, por acolher minhas ideias e facilitar o processo.

Agradeço à professora Ana Luisa Teixeira de Menezes, pelo olhar atento à minha escrita e por me acompanhar nesta trajetória.

Agradeço às deusas por me acompanharem neste caminho, por me permitirem sonhar e escrever, e principalmente à Mãe Terra, quem sempre me acolhe e me enche de energia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAMINHOS ENTRELAÇADOS DA PESQUISA: ESCOLHAS E TRANSFORMAÇÕES.....	14
3 A ALMA NA EDUCAÇÃO	17
3.1 Educação sensível e a vinculação à totalidade do ser.....	17
4 MITOLOGIZAÇÕES	21
4.1 Um breve passeio pela mitologia feminina e as suas implicações no inconsciente pessoal e coletivo.....	21
4.2 Mitologia: uma possibilidade de integração do conhecimento e desenvolvimento psíquico.....	27
5 SÍMBOLOS, ARQUÉTIPO E INCONSCIENTE COLETIVO.....	32
5.1 A implicação dos símbolos esquecidos no inconsciente humano	32
6 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA NA ESCOLA COM AS PROFESSORAS	36
7 AUTOCONHECIMENTO: UMA FENOMENOLOGIA PARA A ALMA	42
7.1 Bachelard: a casa e a alma	42
7.2 Jung e Campbell: a trajetória do(a) herói (heroína).....	45
8 AMPLIFICAÇÃO SIMBÓLICA: SÍMBOLOS EMERGENTES NA ALMA DAS MULHERES	49
8.1 Ártemis e maternidade: a oposição em diálogo.....	49
8.2 Afrodite e a beleza de tudo aquilo que toca.....	57
8.3 A feminilidade e a morte	64
8.4 Feminino e a manutenção do patriarcado	69
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	78

1 INTRODUÇÃO

Amores, Marias e Marés, um romance escrito por Chico Fonseca (2023), narra uma história de amor entre duas mulheres numa época onde esta história de amor ainda não era vista com bons olhos. Segundo o autor, ela entrelaça pontos de ficção e realidade. Para Menezes (2021), para amar é preciso disponibilidade. Para escrever uma dissertação também! E para escrever uma dissertação sobre o arquétipo do feminino é necessário amor, disponibilidade e coragem, ainda nos dias de hoje.

Desde pequenas somos ensinadas a amar o masculino, o que é feito por homens, e em nenhum momento da vida somos ensinadas a nos conhecermos e amar quem somos para depois amar o outro. Isso reflete em mulheres adultas que nunca pensaram sobre si mesmas, na inteireza e na profundidade da sua própria alma.

Como mulher, dispus-me a pensar o arquétipo do feminino a partir de bases da psicologia analítica, baseada nos escritos de Jung e de autores que se dedicaram a dar seguimento a seus estudos. Como professora, me propus a pensar como as mulheres professoras se relacionam com este arquétipo, sendo meu objetivo geral compreender como as mulheres professoras do município de Vale do Sol se conectam com o arquétipo do feminino. Ramificam-se em dois objetivos específicos: o de investigar como as professoras compreendem o acesso ao autoconhecimento e o que este autoconhecimento pode refletir na escola, bem como o de descrever como as mulheres professoras vivenciam o arquétipo do feminino e o que representa a conexão com este arquétipo para a mulher professora.

Hollis (2005) afirma que a psicologia moderna tem por objetivo fragmentar a pessoa e se sujeitar aos desejos da massa. Diante disso, o autor questiona como tal psicologia poderia auxiliar na cura, pois não permite ao indivíduo a escuta dos desejos da própria alma. Destarte, como poderia o indivíduo conhecer a si mesmo ou mesmo aprender mais sobre algo, uma vez que não tem o conhecimento de quem é, nem de onde veio?

Este questionamento de Hollis não serve apenas para a psicologia. Serve para a educação também, por ser uma área tão humana quanto a psicologia e que se constitui fragmentada desde a Educação Básica até a formação de especialistas. Parafraseio o autor, problematizando como a educação pode auxiliar na cura, pois, se a alma não é escutada, é possível ensinar? Por que haveríamos de ensinar, ou aprender mais sobre algo, quando não temos a menor ideia de quem somos, ou quais valores nos servem de informação para educar?

Tal problema separa os indivíduos em polos, como bem e mal, dia e noite, razão e emoção, como se fossem caminhos a serem escolhidos. A escolha de um caminho distancia-se

do outro. A psicologia analítica, por sua vez, abrange estas ambiguidades como uma forma de desenvolvimento psíquico do indivíduo, presentes nos sonhos, numa esfera pessoal e, na mitologia, numa esfera coletiva. Pensando nisso, a presente pesquisa foi realizada em seis encontros, sendo um deles presencial e os outros cinco síncronos, com um grupo de sete mulheres professoras, vinculadas ao Município de Vale do Sol, interior do Estado do Rio Grande do Sul. A metodologia aplicada recorre à amplificação simbólica da psicologia analítica de Carl Jung (2016), ao fenomenólogo Gaston Bachelard (1988) e à educação biocêntrica de Ruth Cavalcante (2015) e colaboradores, baseada no círculo de cultura de concepção de Paulo Freire (1987).

Após este relato introdutório, no capítulo dois, inicio a minha escrita relatando o caminho percorrido até encontrar o tema da pesquisa, uma trajetória com muitos percalços, e no entanto de muitos encontros.

No terceiro capítulo trago a Alma na Educação, pois acredito que tenha sido uma das propostas mais sensíveis e ao mesmo tempo mais corajosas desta pesquisa, tendo em vista que destinei este capítulo a descrever como o processo de conhecer a própria alma influencia e beneficia o processo de formação pessoal e profissional.

Já no capítulo quatro recorro às mitologizações, uma escrita necessária a mencionar a interferência mítica na história e na cultura da humanidade, descrevendo como ocorreu a colocação do arquétipo do feminino como sombra na psique tanto de homens, como de mulheres, além de discorrer sobre a implicação da mitologia na educação. O capítulo cinco traz a amplificação simbólica, a partir de símbolos e arquétipos, e a implicação destes elementos no inconsciente coletivo, resgatando a ligação dos mitos do homem moderno com a mitologia ancestral, referindo-se ao instinto humano que faz emergir os símbolos esquecidos por meio dos sonhos, fantasias e devaneios. No capítulo seis, discorro sobre os detalhes do local escolhido, das participantes convidadas e da metodologia aplicada. “Autoconhecimento: uma fenomenologia da alma” nomeia o capítulo sete, no qual se encontram pensamentos do fenomenólogo Bachelard e a imagem poética como uma forma de comunicação da alma com o mundo exterior e os pensamentos de Jung e Campbell no desenvolvimento do si mesmo e da trajetória do(a) herói(heroína). No capítulo oito, encontra-se a metodologia aplicada na pesquisa, bem como a amplificação de símbolos emergentes nos encontros. As narrativas mitológicas foram se relacionando a outras narrativas que as imagens trazidas pelas participantes permitiram conectar no momento da sua aparição, observando o contexto do diálogo em que foram tocadas.

O capítulo nove entrega a finalização desta pesquisa até o dado momento, relatando os aspectos que me foram possíveis concluir analisando os dados recolhidos durante a intervenção. Esta dissertação descreve uma pesquisa que, apesar do contexto acadêmico em que se situa, narra o encontro de alma e da mulher. Poderia dizer que assim como em *Amores, Marias e Marés*, o encontro de dois seres femininos envolvidos pelo amor, pela presença constante e pela disponibilidade com que se dispuseram a se tocar, e com uma expectativa pretensiosa de que outras mulheres e suas almas se toquem.

2 CAMINHOS ENTRELAÇADOS DA PESQUISA: ESCOLHAS E TRANSFORMAÇÕES

Em todo processo vivido, vivenciamos um caminho, uma trajetória. Alguns percalços são extremamente comuns, bem como as alegrias de poder viver cada etapa. Iniciei o Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul- UNISC, no ano de 2022. Cursei primeiramente as disciplinas obrigatórias no primeiro semestre de 2022, no qual também iniciei as disciplinas previstas pela linha de pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação. As disciplinas que a presente linha de pesquisa propõe me auxiliaram tanto no aprendizado sobre metodologias, referências teóricas, modo de escrita, quanto no encontro com o tema de pesquisa.

Quando comecei o curso, pensava em pesquisar sobre alfabetização, pois sou licenciada em Pedagogia e atuo como professora dos anos iniciais há mais de dez anos. No entanto, não era isso que a minha alma em conexão com a alma do mundo tinha planejado. No ano de 2022 realizei estudos juntamente com o professor doutor Cláudio José de Oliveira, onde ainda buscava encontrar o meu tema de pesquisa, porém, por mais que a minha intenção apontasse para um lado, os meus desejos não tão conscientes, mas também não completamente inconscientes, apontavam para outro.

Nas disciplinas da linha de pesquisa, conheci as professoras doutoras Ana Luisa Teixeira de Menezes e Sandra Regina Simonis Richter, que nos provocavam ao pensamento e à reflexão a partir das leituras, do diálogo, da escrita e das vivências. Em algumas aulas falamos sobre a *anima* e o meu interesse foi surgindo por conhecer mais sobre o arquétipo do feminino, ao mesmo tempo que havia um desejo em entender certas situações que me provocavam e angustiavam na minha própria profissão. Apesar da angústia, o meu intuito foi sempre de valorar a profissão que é exercida por tantas mulheres.

No final do ano de 2022, assumi o desejo de pesquisar com o feminino, mesmo que um tanto insegura, pois era um assunto totalmente novo, no qual precisei estudar autores que desconhecia, linhas de pensamento que eram totalmente abstratas para mim e totalmente fora da minha área de formação. Fiz o requerimento de troca de orientação, obtive o aceite da professora Ana Luisa Teixeira de Menezes para me orientar durante este percurso e a aprovação da coordenação do PPGEduc.

No segundo semestre de 2022, já havia participado de alguns encontros orientados pela professora Ana Luisa, do grupo de pesquisa Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade (UNISC/UFRGS), do qual, em 2023, fiz parte. A partir da troca de orientador comecei a

sistematizar o projeto de pesquisa que trazia três assuntos principais: o *arquétipo do feminino* a partir das *narrativas mitológicas* de seis deusas gregas e a *elaboração do ser docente* das mulheres professoras.

Desde criança sempre tive sonhos, imagens, que na verdade me assustavam. Divindades míticas do bem e do mal eram imagens enviadas seguidamente por meu inconsciente. Hoje ainda continuo sonhando, as mensagens do inconsciente aparecem seguidamente e me auxiliam em decisões ou situações que merecem atenção. Já não me assombram tanto, pois a partir dos meus estudos pude aceitá-las e compreendê-las melhor.

Meus pais raramente frequentavam a igreja, mas quando o faziam era a igreja católica. O mito religioso em que fui ensinada a acreditar é o de que Deus é único e homem, Eva é uma mulher não confiável e Maria, a mãe do filho de Deus, preserva a castidade. Esse deus masculino é algo que sempre me intrigou, como um deus homem poderia compreender as mulheres ou atender às suas preces? Como Maria, nosso exemplo de mulher, é casta? Isso significa que para alcançar o lado espiritual as mulheres devem abdicar do prazer, ou o prazer sempre será negado a elas por serem santas e não deusas?

Uma grande parte das mulheres ainda é educada a se submeter aos desejos masculinos ou da sociedade, esquecendo completamente que são seres humanos com uma alma e que seus desejos mais profundos podem não estar ligados a agradar ao sexo oposto. No entanto, como isto ainda é inconsciente para muitas mulheres, elas reproduzem o que a sociedade patriarcal lhes impõe como a verdade. A educação nas escolas é feita majoritariamente por mulheres, portanto as regras ainda se constituem de modo a preservar o machismo.

Algo que sempre me provocou na escola é a regra imposta às vestimentas femininas. Há uma crescente variedade de estilos de roupas dispostas às mulheres desde a tenra infância, desde vestimentas que mostram grande parte do corpo a aquelas que mostram pouco. Porém, quando as meninas chegam na adolescência há uma regra que proíbe a vestimenta de um certo tamanho ou modelo dentro das escolas nas quais lecionei e leciono, visto que, segundo a opinião de muitos profissionais, o corpo das meninas à mostra provocaria o desrespeito dos meninos. No entanto, a escola, uma instituição de educação, auxilia na manutenção do machismo, mesmo que seja de forma inconsciente ou por falta de conhecimento.

Até o presente momento, nunca trabalhei em um educandário que estimulasse o pensamento e a reflexão dos educandos sobre as próprias vestimentas para além da proibição. Se questionarmos qualquer adolescente de um educandário que proíbe certo tipo de vestimenta, eles não construiriam uma opinião que discorde dos(as) professores(as) porque existe um conceito instaurado sobre a representação das mulheres que usam roupas curtas. Essa é uma das

razões que me movimentaram a compreender como as mulheres professoras vivem e se relacionam com o próprio feminino e se algum dia se questionaram sobre este arquétipo além do que é imposto pela sociedade. A compreensão da relação com o feminino não é uma crítica, todavia busco, a partir de um olhar sensível, descrever como a relação com o feminino implica nos modos de fazer docência ou como o modo de fazer docência implica na relação com o feminino. Essa relação é uma via de mão dupla. Louro (1997) argumenta que a elaboração do ser professora parte de uma imagem construída a partir de uma mulher de boa conduta vista pela sociedade do século XIX, porém que atendia a alguns quesitos estipulados, pois não poderia ser qualquer mulher:

Para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo. Deve-se notar que, embora a expressão *cristã* tenha um caráter mais abrangente, a referência para a sociedade brasileira da época era, sem dúvida, o catolicismo. Ainda que a República formalizasse a separação da Igreja católica do Estado, permaneceria como dominante a moral religiosa, que apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria. A escolha entre esses dois modelos representava, na verdade, uma não-escolha, pois se esperava que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem de pureza da Virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto para a *sagrada missão* da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas (LOURO, 1997, n.p).

Este arquétipo da professora, a imagem da Virgem, ainda está vivo no inconsciente de muitas mulheres, como a professora deveria ser, qual a sua função frente à sociedade e como deveria se comportar a partir do ideal feminino baseado no recato, no pudor, na moral e na aceitação de demandas que não fazem parte do trabalho do magistério. Porém, como é algo instaurado há anos, sugere-se que as mulheres não reclamem, sejam dóceis e submissas. É muito raro ver, em municípios com um pequeno número de habitantes, os(as) professores(as) que atendam ao seu trabalho como um trabalho, por meio de questionamentos e debates sobre a realidade da educação local, além do costumeiro “isso sempre foi assim, os incomodados que se mudem”, como se a escola se instituisse como uma casa privada das pessoas que trabalham nestes locais há mais tempo.

Outro motivo que me levou a pesquisar com um grupo de mulheres professoras foi o de valorar o magistério enquanto uma profissão “feminizada”, e poder relatar as vozes destas mulheres partindo da experiência de vida de cada uma, considerando o processo formativo pessoal tão importante quanto a formação acadêmica. Pensando a formação a partir do sensível.

3 A ALMA NA EDUCAÇÃO

3.1 Educação sensível e a vinculação à totalidade do ser

Como mulher, professora e pesquisadora, não poderia falar sobre educação e formação de professores e professoras a não ser por meio do sensível. A escola é um espaço que me acolheu desde os quatorze anos de idade como professora, momento em que ingressei no Curso Normal em Nível Médio.

Jamais poderia limitar a educação ao polo da razão, do tradicionalismo ou do conservadorismo, apesar de estas características terem acrescentado muito, tanto de forma positiva, quanto de forma negativa na vida de muitas pessoas, pois não apresentam elementos suficientes para abranger a totalidade do ser humano. No entanto, acredito que existe muita razão, conhecimento, tradição, amor, emoção, entre outros atributos dentro do sensível, pois a sensibilidade está para além da fragilidade e da liberdade sem responsabilidade, como muitos cidadãos acreditam. A educação, uma área importantíssima para o desenvolvimento humano, não encontra sentido para existir isolada e isolando elementos da história, da psicologia, das artes, dos esportes, da vida cotidiana e da ancestralidade de cada indivíduo.

Uma educação almada contempla o todo. Roberto e Menezes (2021) entendem que em todas as coisas existe uma alma, mas que faz parte de uma alma maior, a alma do mundo ou *anima mundi* (MOORE, 1994, *apud* ROBERTO; MENEZES, 2021). Para os autores, a questão que todas as coisas tenham uma alma - as pessoas, as casas, os carros, as árvores - gera estranheza para o indivíduo moderno que está acostumado a ver tudo de forma racional pelas lentes do capitalismo.

Os autores defendem a ideia de que *anima mundi* está ligada ao sagrado, em que todas as coisas expressas refletem uma ligação com Deus.

Para autores como Hillman, Moore e Scruton, o sagrado vai além da dimensão estritamente religiosa. Para eles, a arte, a arquitetura, a música e a literatura são formas como a alma do mundo se expressa e, assim, podem ser canais que permitem aos indivíduos a evasão da realidade concreta e o contato com Deus, já que nenhuma expressão artística, afirma, pode ser explicada exclusivamente por seus elementos materiais: há em cada criação um “algo mais” que evoca uma realidade paralela, irredutível à razão e à ciência, mas essencial a sobrevivência dos homens. (ROBERTO; MENEZES, 2021, p. 218).

Busquei na psicologia analítica a base teórica para fundamentar esta pesquisa, pois existem poucos escritos que fundamentem a educação a partir do sensível em conexão com algo maior, a alma do mundo. Psicologia e educação são áreas distintas, no entanto a ligação entre

as duas pode sair da verticalidade e ampliar os horizontes. No caso desta pesquisa, os fundamentos da psicologia analítica e do campo mítico a favor da educação.

Roberto e Menezes (2021), nos seus escritos sobre “A pesquisa do sensível e a Alma do mundo” afirmam que enquanto o pesquisador está implicado na pesquisa não só afeta a *anima mundi*, como a *anima mundi* acaba por afetar o pesquisador. A pesquisa do sensível é um processo tão complexo que elementos emergem a todo instante, afetados pela alma do mundo ou pelo inconsciente coletivo (JUNG, 2014), invadindo a imaginação do pesquisador. Ao mesmo modo que o(a) pesquisador(a) é afetado por imagens provenientes do sagrado na pesquisa do sensível, seria o professor invadido por imagens em uma educação sensível? Para os autores:

Jung (2006) afirmou que o professor não pode resumir-se num mero transmissor de certos conceitos. Da mesma forma, o(a) pesquisador(a) não pode se resumir a um(a) coletor(a) de dados, suas tarefas vão além, consistem em influir sobre as crianças, jovens e adultos, em favor de sua personalidade total. Isso requer do(a) educador(a) e do(a) pesquisador(a) um compromisso que se estende para além da técnica ou método. Para Jung, o êxito do ensino não depende do método, mas de favorecer uma postura aberta para a alma do mundo, com toda sua implicação ética. Tal afirmativa nos provoca ao pensar que o sucesso do(a) pesquisador(a) não depende do método, mas do estar em relação ao campo, ao tema, à compreensão do sentido humano e do que conseguimos produzir na presença do outro (ROBERTO; MENEZES, 2021, p. 230).

As formas de fazer docência baseadas apenas na formação acadêmica, nas quais o(a) professor(a) busca especificamente subsídios formativos e, principalmente, na sociedade atual, tecnológicos, não dispõe de técnicas que valorizem o profissional humano com todo o seu desenvolvimento. O indivíduo consciente das suas sombras, dos aspectos obscuros da sua psique, terá condições para compreender e lidar com situações sem o julgamento do indivíduo que ainda não as reconheceu. A escola, como um local destinado à educação formal, precisa levar em consideração a grandiosidade de cada indivíduo e professores(as) bem formados, não somente academicamente, como também pela sabedoria da vida (CAMPBELL, 2009), ou seja, formados e conscientes das sabedorias ancestrais da humanidade (como algo maior), que está para além da defesa de sua própria cultura, ou do desejo de ter suas crenças como soberanas.

Uma educação sensível é baseada principalmente no respeito e no acolhimento do outro de poder ser quem é e agregar a partir da sua cultura e das suas crenças, tendo o seu desenvolvimento facilitado pelo grupo e auxiliando na facilitação do crescimento de outros participantes. Para Dorneles e Arenhaldt (2016), a pesquisa em educação está além de um mero fazer, pois representa

um discurso existencial. Nossa fé no que queremos e esperamos – para si e para o mundo – se manifesta nas sintonias e escolhas do fazer no estar-sendo educação. Nossa ancestralidade intelectual, a dos pensadores que amamos, porque amparam

nossas inquietudes, acolhem nossas intuições, aliviam nossas aflições, desacomodam nossas certezas, é uma composição da criatividade humana frente aos pactos e impactos que desafiam o estar-sendo juntos-no-mundo-com do nosso existir (DORNELES; ARENHALDT, 2016, p. 29).

O egocentrismo construído na sociedade moderna e a necessidade que alguns seres humanos desenvolveram de precisar chegar na frente sempre, desenvolveu uma corrida desenfreada e individual, em que o desenvolvimento está baseado no ter e uma crença coletiva de admiração pelo indivíduo que possui mais bens materiais, pois “quanto mais eu tenho, mais eu sou”. Já o espírito comunitário, de cooperação e respeito, encontra dificuldades para sobreviver, pois as minhas escolhas pessoais não estão baseadas no bem da comunidade, mas especificamente no bem-estar individual do ser humano, mesmo que seja efêmero.

A conexão com um ser maior que rege a humanidade também é usada para ganhos pessoais. Vimos o caso de um ex-presidente brasileiro que ascendeu por vias religiosas e pelo apoio de muitas igrejas evangélicas. As pessoas, pela falta da conexão com a própria alma e com a alma do mundo, buscam respostas em um salvador, mesmo que esse ser tenha como princípio a humilhação do diferente e valores incompatíveis com o que o indivíduo acredita. O questionamento sobre o que é certo e errado deixa de existir, as pessoas buscam a verdade em outra pessoa, sendo que podem encontrar em si mesmas.

Neste caso, o vazio existencial toma tamanha proporção que há um desespero na busca de um deus, mas em contrapartida existe um despreparo para o sofrimento, pois buscar deus dentro de si é encontrar dezenas de imagens e entender que minhas crenças não são únicas e que existem milhares de deuses e deusas que conclamam as minhas preces. Encontrar com deus é desconstruir a religião na qual fui educada, e acreditar em um novo deus ou deusa. Jung (2015) descreve, no *Liber Novus*, no encontro com a própria alma que “o saber do coração não é possível encontrá-lo em nenhum livro e em nenhuma boca de professor, mas ele nasce de ti como grão, da terra preta” (p. 121), pois, para o autor, “a erudição pertence ao espírito dessa época, mas este espírito não abrange de forma nenhuma o sonho, pois a alma está em toda a parte onde o saber ensinado não está” (p. 121).

Unir a sabedoria da vida ao saber formal - eis um dos maiores desafios da educação moderna. Para tanto, precisamos de professores(as) formados(as) na sabedoria da vida, visto que:

Educar para a vida significa estimular a potência de vida que impulsiona o movimento expressivo de cada um que, por sua vez, a potencializa para, novamente, impulsionar o ser humano à vida, assim permitindo um caminho de aprendizagem-desenvolvimento com amor. Significa estar atento à possibilidade de que está

gestando o humano e a Cultura Biocêntrica¹ por meio de processos educativos que intensificam de forma individual e coletiva a presença, a inteligência afetiva e o conhecimento complexo. Assim, gera-se a integralidade e não a fragmentação entre o ser sensível-expressivo-ativo-conectivo-emocional-cognoscente-espiritual e o mundo sensível-expressivo-ativo-conectivo-emocional-cognoscente-espiritual (CAVALCANTE; GÓIS, 2015, p. 63).

O sofrimento é a desconstrução de crenças que já se instauraram na psique do indivíduo, por isso a sabedoria de vida aliada à educação formal - uma a complementar a outra -, evitando a fragmentação, a separação, a disciplina dos corpos e das vestimentas, todavia com estímulo ao pensamento, ao questionamento, ao querer saber mais tanto da tecnologia, como também da história da humanidade, auxilia na construção de novas crenças e dá vida a um novo e antigo deus. Neste caso, o desenvolvimento tecnológico da sociedade, tão cultuado na sociedade moderna, fica integrado ao respeito ao planeta e aos outros indivíduos, constituindo a base para a educação amorosa e o fluxo impulsionador da vida.

Cavalcante e Góis (2015) trazem “a Vida como fluxo impulsionador de aprendizagem-desenvolvimento da consciência” (p. 47), não reduzindo a consciência à racionalidade, visto que dominar um conhecimento por intermédio da razão não significa estar consciente das suas implicações individuais e para a humanidade. Consciência é um elemento muito mais complexo do que apenas ter um conhecimento racional sobre determinado assunto. A razão é linear, fragmentada, a consciência abrange a totalidade do ser.

Defender uma educação sensível não dispensa o uso da razão, mas tem o intuito de integrá-la ao ser humano como uma parte tão importante quanto a emoção. Ela deixa de ser a linha de frente, dando espaço a outras formas de ser e sentir o mundo. Para Roberto e Menezes (2021) o mundo que construímos está despersonalizado a partir das filosofias criadas, pois falta a ligação com a alma do mundo, o que anima, o que dá vida às coisas, uma vez que

Minha vida é o esforço de várias almas e suas histórias para que eu pudesse estar aqui e, ao mesmo tempo, isso está a serviço da alma do mundo. Sou um personagem onde a alma do mundo me colocou a serviço desta totalidade, sou constrangido a assumir meu papel em favor dessa alma do mundo (ROBERTO; MENEZES, 2021, p. 220).

¹ É uma educação que facilita a expressão da identidade pessoal, cultural e planetária, do sujeito individual e coletivo; que favorece o conhecer, a inteligência afetiva, desperta-o para a consciência e a emancipação humana. (CAVALCANTE; GÓIS, 2015, p. 64).

4 MITOLOGIZAÇÕES

4.1 Um breve passeio pela mitologia feminina e as suas implicações no inconsciente pessoal e coletivo

A humanidade, desde o início dos tempos, fundamenta suas crenças no mundo invisível a partir da criação dos mitos. A mitologia que conduz nosso consciente e/ou inconsciente é criada segundo a estrutura da sociedade a qual a concebe, sendo modificada e/ou modificando a estrutura da própria sociedade. Pode ocorrer também a desqualificação dos mitos de algumas culturas quando penetradas por outras de forma compulsória, ou até mesmo de maneira pacífica. A repetição e a valorização de apenas um mito como verdade e a intolerância com a mitologia de outra cultura pode acarretar no apagamento dessas narrativas da consciência da humanidade, no entanto elas permanecem vivas na psique de cada indivíduo.

A desvalorização e a tentativa de destruição de bens materiais como templos, estatuetas da mitologia de algumas culturas ancestrais não apagam a sua existência. Para autores como Jung (2016), Campbell (1990) e Stone (2022), essas mitologias sobrevivem no inconsciente coletivo, moldando a nossa psique. A inconsciência de todos esses seres mitológicos que habitam os indivíduos psiquicamente pode se transformar em neuroses, ou, quando identificadas, podem propiciar a força impulsionadora da vida e da criatividade.

A necessidade de controle do homem na sociedade patriarcal, uma sociedade constituída sob valores masculinos, e a criação de um mito único da cultura ocidental baseado em um deus, uma figura masculina de bondade juntamente com a negação da presença feminina como um ser a ser adorado, mostra o medo que a sociedade patriarcal projetou sobre o arquétipo do feminino. Stone (2022), a partir de um estudo minucioso de documentos, materiais e trabalhos acadêmicos obtidos em museus e universidades de vários países, discorre sobre evidências em culturas ancestrais nas quais o ser supremo venerado era uma figura feminina, ou seja, uma deusa. Para a autora, a adoração da deusa se dava em sociedades em que as mulheres ocupavam um lugar de poder, com grande valorização. A falta de consciência dos homens na concepção dos filhos que era associada a astros naturais, como a lua, por exemplo, dava às mulheres um lugar de importância em determinados grupos. Constituíam-se sociedades matrilineares, nas quais as heranças eram passadas da mãe para os filhos.

A autora ainda relata que o avanço e a aceitação do mito de um deus dos deuses e a eliminação da figura feminina como um ser venerado não aconteceu rapidamente. No entanto, quando o homem se tornou consciente da sua participação no coito e o crescente avanço da

civilização, relegou-se características como a perspicácia, o poder de decisão e a organização a características exclusivamente masculinas. Construiu-se assim, a imagem da mulher como dependente do homem e ao mesmo tempo parte dele, como relata o mito de criação de Adão e Eva.

Eva é a mulher punida por desviar Adão da obediência do senhor ou, por um outro lado, torná-lo consciente dos prazeres mundanos. Segundo o mito de Eva, suas filhas sofrerão a dor do parto por sua rebeldia. Já os filhos de Adão gozam da culpa colocada sobre Eva, não necessitando se responsabilizar pelas próprias atitudes, pois elas são reflexos da fraqueza e provocações das mulheres. O mesmo mito relatado ou escrito tantas vezes se torna uma crença valorizada e enraizada no inconsciente coletivo, vindo a moldar as crenças e, conseqüentemente, o modo de viver de pequenos grupos ou grandes sociedades.

O mito de Lilith, a primeira mulher de Adão, não consta nas escrituras sagradas, pois Lilith representa uma força contrária ao deus homem descrito nas páginas de livros como a Bíblia. Koltuv (2017) traz vários mitos ancestrais de Zohar², que se referem à figura de Lilith definindo-a como “uma força contrária, um fator de equilíbrio, um peso contraposto à bondade masculina de Deus, porém de igual grandeza” (p. 15). O Antigo Testamento se refere a Lilith apenas como mais uma figura demoníaca, de pouca importância.

Koltuv (2017) conta que, no início, deus criou duas luzes de igual grandeza, e os dois se sentiam mortificados um pelo outro e desejavam se fundir um ao outro, estabelecendo aí uma desavença amorosa. Deus, porém, incomodado com este conflito, diminui a importância da Lua. Então a noite reivindicou suas forças com agressividade, e deus, para pôr fim nessa desavença, separou Sol e a Lua. Do sentimento de inferioridade da Lua, nasce Lilith, uma força abrasadora, pois “ela é sombria, ardente e noturna” (KOLTUV, 2017, p. 19). Essas narrativas foram moldando o comportamento de mulheres e homens, o que seria aceitável para cada um dos sexos e se algum deles se submeteria ao outro. No caso da cultura patriarcal, foi-se dando visibilidade e aceitação ao comportamento masculino como um ser superior e o feminino como o ser inferior, guiado por deus que é bondade, mas que criou a mulher para servir e obedecer ao homem.

Koltuv (2017) resgata outros mitos ancestrais sobre Adão e Lilith. Segundo a autora, Adão foi criado como um ser andrógino, possuindo o masculino e o feminino em si, sendo ele

² O Zohar é uma obra cabalística do Século XIII que, na essência, é uma meditação do Velho Testamento (KOLTUV, 2017).

a imagem e semelhança de deus. Significa que assim como Adão, deus também era andrógino, no entanto somente deus podia ser uno. Deste modo, Adão foi dividido ao meio, dando um corpo a cada uma de suas faces, tornando “Lilith a fêmea de Adão, ou Adamah, a palavra hebraica feminina que designa terra ou chão. Tanto o homem como a mulher provêm da Mãe Terra, moldados por Deus” (p. 29).

Lilith é o aspecto oposto complementar a Adão, não submisso, nem inferior, mas também não representa superioridade, e sim aquilo que é diferente, no entanto de igual proporção e relevância. Lilith é um arquétipo escondido na psique tanto de mulheres como de homens, que aparece em sonhos, e quando reclama seu espaço, o faz com violência. O quanto a negação da existência de Lilith e de outros mitos femininos impacta na capacidade do ser humano de lidar com as próprias sombras, ou ainda, o quanto a mitologia feminina é vista apenas como a sombra? A pregação e a busca pelo bem não torna as pessoas repletas de bondade, no entanto a consciência das próprias limitações e sombras permite a cada indivíduo lidar da melhor forma, transformando-as em força. A ambiguidade bem e mal existe nos dois arquétipos, não sendo limitado apenas ao arquétipo do feminino. Porém, a negação da sacralidade do arquétipo do feminino coloca o aspecto feminino como sombra e a parte iluminada sendo relacionada ao masculino e isso vem sendo transferido à figura da mulher.

O corpo feminino reproduz a ciclicidade aparente na natureza. As mudanças das fases da lua ou estações do ano obedecem a movimentos cíclicos, assim como o ciclo menstrual que reflete mudanças fisiológicas e comportamentais sobre o corpo das mulheres. A sacralidade do arquétipo do feminino se dá anteriormente a crenças instauradas ou a qualquer civilização erguida, pois vem da conexão com a Mãe Natureza.

Corbett (1990) anuncia Astarte como a deusa do amor, depois transformada em Vênus. Na época em que Astarte reinava, a mulher era vista como um ser de grande valor e o poder da ciclicidade e da fertilidade vinham do contato com as sacerdotisas das deusas. Homens procuravam esses templos para serem abençoados. O sexo ritualístico nos templos era sagrado e abençoado pela deusa. A partir da deusa do amor, a autora discorre sobre os aspectos positivos da “faceta erótica e dinâmica feminina”, já que os aspectos negativos todos nós já conhecemos, pois foi instaurado pelo cristianismo como uma única verdade sobre as mulheres.

A sacralidade da força arquetípica do feminino não precisa ser baseada numa crença específica, assim como o poder masculino foi construído. Na Idade Média, milhares de mulheres foram queimadas em fogueiras por buscarem sua cura o mais próximo à natureza. O

medo que as mulheres voltassem a adorar uma deusa e reerguessem sua própria religião, não seguindo os dogmas permitidos na época, fez com que qualquer desejo de liberdade ou qualquer reivindicação feminina fosse visto como uma ameaça ao cristianismo e aos valores da sociedade daquele tempo.

Estudos como o de Stone e de Corbett são importantíssimos, pois afirmam a existência da mulher como um ser único, desmitificando a sua existência servil aos desejos do sexo masculino. A importância dos arquétipos feminino e masculino um para outro se dá de forma oposta complementar. É possível definir características do arquétipo do feminino e do arquétipo do masculino, porém isso não é uma base para que essas características sejam transferidas para homens e mulheres. Jung (2016) define estes dois arquétipos como *anima* e *animus*: a *anima* aparece como a sombra do *animus* na psique masculina, bem como o *animus* aparece como a sombra da *anima* na psique feminina, no processo de individuação de cada ser humano, propiciando que eventos inconscientes possam se tornar conscientes e transformados em força.

A sombra não é o todo da personalidade inconsciente: representa qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do ego - aspectos que pertencem sobretudo à esfera pessoal e que poderiam também ser conscientes. Sob certos ângulos, a sombra pode também consistir de fatores coletivos que brotam de uma fonte situada fora da vida pessoal do indivíduo.

Quando uma pessoa tenta ver a sua sombra, ela fica consciente (e muitas vezes envergonhada) das tendências e impulsos que nega existirem em si mesma, mas que consegue perfeitamente ver nos outros - coisas como o egoísmo, a preguiça mental, a negligência, as fantasias irrealis, as intrigas e as tramas, a indiferença e a covardia, o amor excessivo ao dinheiro e aos bens (...) (JUNG, 2016, p. 222).

Como os dois arquétipos vivem na psique tanto das mulheres, como na dos homens, os dois sexos poderiam ter características psíquicas igualmente desenvolvidas. Hillman (2020) relata que Jung fala sobre *anima* como sinônimo de alma ou até mesmo de psique, mas acaba optando por *anima* na maioria das vezes para que o conceito de *anima* não fique tão vago e seja relacionado a conceitos religiosos. Para Jung (2016), *anima* é a presença do elemento feminino na psique do homem. “Os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas não menos importante, o relacionamento com o inconsciente” (JUNG, 2016, p. 234 e 235). O relacionamento com a mãe propicia nos homens o desenvolvimento saudável ou não da *anima*.

Os estudos de Jung são baseados na *anima* como a interioridade do homem, e a interioridade da mulher como o *animus*. Já Hillman (2020) aponta a existência da *anima* nas mulheres pelo tipo anímico, ou seja, aquela mulher que representa a projeção masculina, ou nela é observado um vazio existencial. O autor cita que “porque as mulheres são do gênero

feminino, elas já possuem alma - ou melhor, são alma” (p. 79). No entanto, afirma que nem tudo o que “é feminino é *anima*”, pois a alma nas mulheres não está representada pela feminilidade, precisando de uma conciliação entre as duas. Para o autor, o vazio da psique feminina representa a carência da alma, pois as mulheres também necessitam “da fantasia, de mitologizações, nas quais elas possam fazer uma leitura de si mesmas e descobrir seus destinos” (HILLMAN, 2020, p. 81).

A *anima* negativa se torna evidente ao homem por meio de seus sonhos, bem como o *animus* negativo à mulher, num domínio individual. Já na mitologia podemos encontrar os mesmos aspectos, portanto pertencendo ao domínio coletivo. Os sonhos apresentam elementos que propiciam o desenvolvimento da psique individual, já a mitologia apresenta elementos que propiciam o desenvolvimento coletivo.

Os mitos são para a cultura coletiva o que os sonhos são para o indivíduo. A partir do simbolismo tanto dos mitos quanto dos sonhos, discernimos eventos psíquicos. E descobrimos assim que os mitos não são apenas histórias agradáveis, embora inúteis, de deuses e deusas, heróis e demônios de um tempo esquecido. Eles falam de material psicológico vivo, e funcionam como repositório de verdades apropriadas à interioridade do indivíduo, bem como da comunidade (CORBETT, 1988, p. 68).

Schapiro (2018) faz um apanhado sobre o mito de Cassandra, e o quanto a fragilidade na relação com a mãe negativa provocou a jovem no desfecho de sua própria história numa tragédia. Cassandra não tendo um vaso capaz de sustentar a força arquetípica do masculino, representada pela união sexual com deus Apolo, nega recebê-lo. O deus, insatisfeito com a recusa da moça e não podendo retirar o dom da profecia que conferiu a ela, pede-lhe um beijo e sopra-lhe em sua boca uma maldição: que as profecias de Cassandra jamais fossem acreditadas.

A autora se refere a Hécuba, mãe de Cassandra, como uma mulher dominada pelo *animus*, recusando seu papel materno com a jovem, pois ela não atende aos seus desejos, nem às suas expectativas. Cassandra quando abandonada pela mãe, recorre ao pai para ter atenção. O pai, carente da atenção de Hécuba, aceita o afeto de Cassandra, no entanto é incapaz de oferecer a atenção que a jovem necessita. A pouca afinidade com a *anima* e com a feminilidade que Hécuba possui faz com que ela seja “incapaz de propiciar um ambiente acolhedor para as necessidades da filha, que taxa de exigências exageradas” (SCHAPIRA, 2018, p. 105). Todo esse enredo acaba no desfecho trágico da história de Cassandra, por não ter um desenvolvimento da *anima* capaz de sustentar o poder arquetípico de *animus*, como acontece com Psiquê.

Psiquê passa por tarefas dadas por Afrodite, que assume o papel de mãe negativa no mito descrito por Neumann (2017). No entanto, Psiquê possui seus instintos femininos

desenvolvidos, o que permitiu a união alquímica da *anima* e do *animus* em sua psique. Caso Psiquê não tivesse sua *anima* bem desenvolvida para suportar o poder abrasador do *animus*, seu fim também seria trágico como o de Cassandra.

Essas mitologizações vão dando a possibilidade de desenvolvimento da psique feminina. Mesmo enfrentando trajetórias diferentes e tendo partido de pontos distintos, Cassandra e Psiquê teriam as mesmas condições de avanços no processo de individuação? Schapira (2018) ajuda a compreender como o complexo de Cassandra é desenvolvido, assim como Neumann (2017) descreve as tarefas enfrentadas para a individuação da psique.

Psiquê confia nos seus instintos, já Cassandra, por sua frágil relação materna, aprende desde cedo a desconfiar de sua intuição, por não encontrar validação nem acolhimento para suas necessidades e dúvidas na mãe:

Embora seja a intuição a função natural superior da histérica³, sua medialidade intrínseca não é cultivada nem mesmo sancionada pelo patriarcado. Quando muito sua natureza medial tende a ser explorada ou a servir de bode expiatório. Bem cedo ela aprende a ocultar ou a desfigurar essa qualidade. Seu ego não é nem suficientemente permeável para tirar proveito desse seu dom natural (SCHAPIRA, 2018, p. 104).

Jung (2016) entende os instintos como uma força natural conferida aos seres humanos, assim como os fenômenos da natureza. Psiquê, mesmo não acreditando que seria capaz de executar as tarefas, obedece a sua intuição. Seus instintos são representados por elementos de grande numinosidade, como é o caso das formigas, do caniço verde, da águia e da torre, que a orientam na sua trajetória. Porém Psiquê acolhe *animus*, recebe Eros antes de sua jornada, já Cassandra se nega receber o poder masculino, o poder do amor.

Schapira (2018) ainda relaciona o complexo de Cassandra com a histeria, considerada também como uma doença do útero simbolicamente, já que o útero é um órgão feminino. Psicologicamente ele funciona como um vaso para o ego, pois o “ego da mulher medial precisa ser flexível, incorporado e sintonizado com o Self feminino” (p. 97). Por sofrer de um complexo materno negativo, não houve o desenvolvimento do ego. “Devido a isso, Cassandra carecia de uma limitação feminina para o ego - com efeito: ela não tinha útero” (p. 60). Isto visto de um ponto psicológico.

A narrativa de Cassandra traz o que a falta do desenvolvimento da *anima* pode acarretar no desenvolvimento da psique feminina. A histeria é uma doença que parte do vazio existencial

³ Cassandra personifica o conflito arquetípico entre valores patriarcais e matriarcais, ambos pugnando pela supremacia e sem o vínculo de Eros para uni-los. A histeria tem sido, através dos tempos, uma manifestação dessa ruptura psíquica (SCHAPIRA, 2018).

do sexo feminino caso a *anima* não esteja desenvolvida. Desta forma, a *anima* não seria somente a sombra que ronda a psique masculina, mas também o que impulsiona as mulheres em sua jornada e no encontro de seu próprio Si-mesmo (JUNG, 2016).

O mito de Cassandra, assim como de Medeia, se constitui na transição do matriarcado para o patriarcado. As deusas deixam de ser adoradas para adorar-se deuses homens. O poder começa a ser passado de pai para filho, a mulher é excluída dessa relação. A medialidade, um valor feminino deixa de ser sagrado. A razão passa a tomar conta das civilizações, o poder criativo das mulheres é desconsiderado, isso afeta diretamente uma mulher medial. Com a desqualificação do feminino, seria possível mulheres como a Cassandra daquele tempo ou as Cássandras dos tempos que seguem acreditarem em suas profecias, ou esperar que alguém acredite, sem serem vistas como loucas?

O sentimento de inferioridade e a necessidade de subserviência ao masculino é imposto às mulheres há milênios. O vaso que deveria ser constituído em sua psique para o desabrochar do *animus* foi afetado, a sua *anima* não se desenvolveu a ponto de ela ter esta sustentação sem ser esmagada, violentada pelo poder masculino, pois

Hipertrofiado é seu órgão feminino, o vaso do ego, o útero. Esta é a verdadeira razão de sua assim chamada inferioridade. E por que não há de ser assim? Já que o feminino tem sido sistematicamente atacado, atormentado, fumigado, cirurgicamente extirpado, estimulado, mesmerizado e reprimido por milênios. (SCHAPIRA, 2018, p. 97).

A mitologia feminina vem sendo reativada por meio de estudiosos seguidores da psicologia analítica de Jung. O resgate destes mitos retoma a importância do arquétipo do feminino para a sociedade, bem como dá às mulheres um valor de igual importância ao dos homens, além de possibilitar o processo de individuação feminino para que assumam seus propósitos, encontrando sua própria jornada.

4.2 Mitologia: uma possibilidade de integração do conhecimento e desenvolvimento psíquico

Campbell (1990) salienta a importância de conhecer mitos de culturas além daquela em que o indivíduo estabeleceu suas raízes e suas crenças. A mitologia apresenta uma capacidade de desenvolvimento da psique humana. Conhecer apenas as narrativas de uma cultura limita a capacidade de expansão da consciência, de tornar consciente aquilo que permeia a vida de maneira inconsciente. Para o autor, mitos “são histórias sobre a sabedoria de vida” (p. 10), pois nas escolas tem se pensado a educação como quantidade de informações a serem assimiladas

pelas pessoas, baseando a educação no progresso tecnológico e na capacidade racional do ser humano. Para o autor, os jovens são abertos à mitologia, pois nela consta tudo aquilo que é essencial à vida:

Jovens em geral simplesmente se deixam arrebatados pelo assunto. A mitologia lhes ensina o que está por trás da literatura e das artes, ensina sobre a sua própria vida. É um assunto vasto, excitante, um alimento vital. A mitologia tem muito a ver com estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa a infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável (CAMPBELL, 1990, p. 12).

O que encontramos na mitologia são aspectos essenciais para o desenvolvimento humano necessários a todos os indivíduos. O sonho como mito particular de cada indivíduo pode ser atribuído às forças instintivas, àquilo que não sabemos como sabemos, mas sabemos. Jung (2016) entende o instinto como norteador do processo de individuação por meio do surgimento das imagens oníricas⁴. O instinto não é algo que pertence apenas aos animais não racionais. Para o autor, as forças instintivas são tão presentes e necessárias ao ser humano como em qualquer outro animal. É como se algo no ser humano soubesse os caminhos que ele precisa seguir e manda mensagens para guiá-lo por esta trilha.

Em culturas ancestrais, esse processo de encontro com as forças instintivas era compulsório quando o sujeito atingia determinada idade. Hoje, em muitas sociedades, podemos encontrar indivíduos que, mesmo em idades avançadas, ainda não atingiram certa maturidade, mesmo com um currículo admirável, pois encontram a omissão e o despreparo dos anciãos para guiarem-no no caminho da transcendência. Mesmo quando os mais velhos são preparados, ainda se exige que seja uma escolha dos mais jovens ouvir o chamado do próprio inconsciente para se encontrarem a si mesmos. Por o processo de individuação ser um caminho com turbulências, muitos jovens se distraem e preferem caminhos mais fáceis. Kopenawa e Albert (2015) relatam o processo de se tornar xamã do povo Yanomami, uma etnia indígena brasileira. Esse processo requer principalmente que o indivíduo seja convocado pelos espíritos e que algum familiar, já xamã, guie-o por este caminho, fazendo a iniciação e o ensinando os saberes necessários para o cargo espiritual. O aparecimento dos espíritos em questão são as forças instintivas abordadas por Jung que emergem por meio dos sonhos, do chamado do inconsciente.

O florescimento das forças instintivas, que eram marcadas através dos rituais de passagem para homens e mulheres ancestrais, podiam exercer uma preparação para passar por

⁴ Imagens que aparecem por meio de sonhos, transmitindo uma mensagem à consciência do sonhador, o que o auxiliará no seu processo de individuação.

cada etapa da vida, desde o nascimento até morte, e foi perdida com o crescimento da ciência tradicional:

À medida que aumenta o conhecimento científico, diminui o grau de humanização do nosso mundo. O homem sente-se isolado no cosmos porque, já não estando envolvido com a natureza, perdeu a sua “identificação emocional inconsciente” com os fenômenos naturais. E estes, por sua vez, perderam aos poucos suas implicações simbólicas. O trovão já não é a voz de um deus irado nem o raio o seu projétil vingador. Nenhum rio abriga mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem, serpente nenhuma encarna a sabedoria e nenhuma caverna é habitada por demônios. Pedras, plantas e animais já não têm vozes para falar ao homem, e ele não se dirige mais a eles na presunção de que possam entendê-lo. Acabou-se o seu contato com a natureza, e com ele foi-se também a profunda energia emocional que esta conexão simbólica alimentava (JUNG, 2016, p. 120).

O modelo de educação atual vigente no Brasil, salvo raras exceções, traz no seu currículo conteúdos comuns dentro de disciplinas distintas. O que poderia estar ligado acaba fragmentado, posto em “caixinhas” separadas, assim os indivíduos se tornam especialistas em áreas sem conseguir *linkar* a sua experiência de vida ou a sabedoria recebida de seus ancestrais, tornando todo o conhecimento adquirido vazio. Seu propósito se torna uma mera execução de tarefa em prol de um ganho monetário ou um título. Byington (1996) entende que a

fragmentação, setorização e pletora dos conteúdos do ensino, é tão tradicional, que já consideramos um dado objetivo e nem sequer questionamos. Ensinamos História, Geografia, Matemática, Português, Ciência, Línguas, Artes e Educação como setores incomunicáveis da existência que só se relacionam na sua aplicação, mas que não tem nenhuma inter-relação na sua origem e no seu desenvolvimento. Assim o próprio exercício da interdisciplinaridade fica limitado a colocar remendos numa grande colcha de retalhos. Esta fragmentação se estende à setorização profissional e às especializações. Formam-se pessoas com notório saber em suas áreas, que frequentemente não têm a menor ideia de como articular o seu saber do Ser no nível existencial e cultural (BYINGTON, 1996, p. 220).

As ambiguidades tão presentes nas mitologias acabam sendo substituídas por um extremo. A atual sociedade na qual vivemos apartou o emocional e o racional, a sensibilidade e a força, o corpo e a mente, o masculino e o feminino, definindo um dos opostos como o caminho a ser mostrado a todos os indivíduos que passam pela escola, esquecendo que a existência de um só faz sentido se complementada pelo outro. Esquecem também que a educação, sendo algo necessário à sociedade, reproduz o modelo já instaurado, acreditando que o ser humano pode ser apenas uma coisa ou outra (acredita-se que se o lado emocional estiver aflorado, o indivíduo não será capaz de usar a razão, não identificando que o descontrole emocional vem exatamente do inverso, por estar somente no polo racional por muito tempo).

Cavalcante (2015) traz a Educação Biocêntrica como um exemplo de educação sensível, pois para ela a educação trata da “integração entre a expressão da vida e a construção do conhecimento” (p. 47). Nesta epistemologia, a vida é o que impulsiona o processo de

desenvolvimento da aprendizagem, podendo assim impulsionar o processo de individuação presentes nas mitologias.

A escola como um ambiente de aprendizagem formal, onde as crianças entram desde cedo para desenvolver suas capacidades, pode abrir espaço para que o conhecimento seja parceiro dos saberes norteadores da vida? Há uma fala popular que a escola “prepara para a vida”. Penso que hoje estamos um pouco distantes disto, pois a escola tem buscado preparar os indivíduos para uma carreira profissional ou para a manutenção de mão-de-obra de baixo custo.

A vida é algo muito grandioso e complexo. Não é possível entendê-la, nem mesmo abordá-la por apenas uma perspectiva - é preciso abrir horizontes para que possamos enxergar mais longe. Diante disto, as imagens presentes no inconsciente individual ou coletivo são elementos que nos levam a compreender a existência da humanidade para além das limitações, das emergências ou das crenças que são impostas como verdades.

O racional é um elemento que, depois de as imagens inconscientes emergirem na consciência, é extremamente necessário para saber como podemos organizá-las. Entretanto, se o indivíduo basear suas escolhas a partir da razão, a vida perde o sentido, a “magia”, visto que a existência da humanidade está relacionada ao mundo invisível, entendido por Hollis (2005) como metáforas e símbolos dos mitos ou das religiões que podem ser observados no mundo material. O autor também entende que o mito de uma cultura é a religião de outra. Para o autor, aspectos presentes no inconsciente, quando não organizados conscientemente, podem causar catástrofes, como foi o caso de Hitler, dominado por um senso de inferioridade, que brincou de ser deus, escolhendo quem teria a predominância como a raça “pura” no planeta Terra. A inferioridade de Hitler se apresenta na necessidade da guerra, da morte e das armas para dominar sua própria espécie. Caso ele se sentisse com igual valor às outras raças, ou tivesse trabalhado a sua própria inferioridade, não precisaria ter forçado por meio de uma guerra suas crenças, menosprezando os valores de outros seres humanos.

Quanto menos conscientes estivermos dos produtos da nossa psique, mais dominados por eles seremos, menores as chances de o indivíduo olhar para a sua própria sombra. Jung (2016) exemplifica os conteúdos da sombra como aqueles sentimentos que os seres humanos não gostam que os outros saibam que sentem, pois a sociedade os tem como sentimentos errôneos.

Estes sentimentos encontramos em mitologizações ancestrais, nas quais os deuses e deusas não são apenas dominados pelo sentimento da bondade e da justiça, mas também da

maldade, da inveja, da ira. Todos possuem o seu lado numinoso e o seu lado sombrio. O lado sombra representa aquilo que podemos ainda desenvolver, evoluir, quando visto de modo consciente.

As narrativas mitológicas ancestrais trabalhadas a um nível educacional poderiam propiciar o contato tanto de educandos, educandas, professoras, professores, profissionais da escola e familiares com o mundo invisível para além de suas religiões, favorecendo o contato com imagens do seu próprio inconsciente. Para as crianças, as mitologizações demonstram um caminho ainda mais interessante e necessário, pois demonstram a trajetória de tantos heróis e heroínas imperfeitos que, no entanto, construíram suas próprias trajetórias guiados pelas forças instintivas. O conhecimento tradicional seria aliado ao desenvolvimento dos instintos, proporcionando o crescimento e cada fase da vida a ser vivida com mais plenitude, com um amparo de suas próprias imagens individuais e de imagens que brotam de um campo coletivo ancestral.

5 SÍMBOLOS, ARQUÉTIPO E INCONSCIENTE COLETIVO

5.1 A implicação dos símbolos esquecidos no inconsciente humano

A sociedade atual é reflexo de uma evolução mítica, cultural e histórica de milênios da humanidade. Não há nada de tão novo em termos religiosos que não encontremos em lendas e mitos ancestrais. O cristianismo empregou pedaços de mitologias antigas para construir seu próprio legado, como da mitologia egípcia, por exemplo. O mito egípcio de Isis e seu bebê Hórus (ROBLES, 2019) é anterior ao cristianismo, porém retrata uma história com elementos semelhantes à de Maria e Jesus. Um dos elementos que se assemelha nas duas mitologias é a forma espiritual de concepção, pois Hórus foi concebido, assim como Jesus, sem a concepção carnal, pois o falo de Osíris, seu pai, não foi encontrado, tendo Hórus nascido de uma relação milagrosa espiritual entre a sua mãe Isis e seu pai Osíris (CAMPBELL, 1994).

A essas imagens míticas, históricas e culturais aparentes em diversos mitos de distintas culturas, Jung (2016) deu o nome de símbolos. As simbologias são aspectos que servem ao desenvolvimento pessoal, no entanto, possuem elementos de domínio coletivo, por sua numinosidade, não aceitam apropriação. Os símbolos emergem na consciência do indivíduo por meio dos sonhos, devaneios e fantasias, sendo preciso a compreensão do contexto de crenças e situações às quais esta pessoa está exposta para compreendê-lo. Para o autor, as sociedades ancestrais tinham uma forte comunicação com o seu inconsciente por meio das narrativas mitológicas nas quais baseavam as suas crenças, o que facilitava o contato com o mundo espiritual.

Jung (2016) entende a consciência como algo ainda muito frágil no ser humano, pois “a consciência ainda não alcançou um grau razoável de unidade. Ela ainda é vulnerável e suscetível à fragmentação” (p. 24), existindo assim uma parte obscura na nossa psique, o inconsciente. O inconsciente, não raras vezes, manda informações pelas imagens simbólicas, ou seja, por meio dos sonhos, dos devaneios e das fantasias. As mensagens informadas nem sempre são claras, necessitando de um longo processo para que o sonhador possa compreendê-las. A ruptura da consciência foi entendida por povos ancestrais como a “perda da alma” (JUNG, 2016, p. 23). Alguns destes povos acreditavam que o homem tinha uma alma do mato, um animal com quem tinha uma identidade psíquica, ou seja, um mal feito contra a alma do mato é uma ofensa contra o homem. Outras etnias entendiam que o homem possuía várias almas. Para o autor, “nossa psique faz parte da natureza, e seu enigma é igualmente sem limites. Assim, não podemos definir nem a psique nem a natureza” (p. 22).

O inconsciente coletivo humano é o que liga gerações que não se encontraram, culturas que nem sequer tiveram contato. O mito pagão sobre a caixa de Pandora (BULFINCH, 2001) traz elementos semelhantes ao mito de criação cristão. Pandora também representa a desobediência, a curiosidade e a consciência e, por conveniência, mais uma vez, o interesse por desvelar o desconhecido é dado a uma mulher, bem como foi atribuído a Eva. Poderíamos atribuir a curiosidade a uma característica feminina, portanto.

O mito de Pandora vem da cultura patriarcal, a cultura grega. A mesma cultura na qual Atena pune Medusa por ser violentada por Poseidon em seu templo, a mesma cultura que deu a Hera o título de esposa ciumenta que a fazia perseguir e atacar todas as amantes e os filhos bastardos de seu marido. A cultura grega, assim como cristianismo, são culturas patriarcais, nas quais o homem goza de poder e liberdade superior ao das mulheres, justificando a semelhança entre os mitos de criação e a condenação à atitude feminina.

Uma história narrada tantas vezes se torna verdade, os símbolos ou padrões arquetípicos se constroem a partir de um coletivo, vivido e revivido durante milênios. A decadência das crenças de uma cultura não acontece em um breve espaço de tempo, levam milênios para que certas crenças sejam apagadas do consciente humano, bem como levam séculos para que uma narrativa mitológica seja estabelecida como uma crença.

A característica da submissão que foi por séculos atribuída ao feminino, foi construída através de histórias e mitos, que tantas vezes repetidas, acabaram sendo introjetadas como verdade na consciência de mulheres e homens. Algumas mulheres, por um ato de rebeldia, não acataram, porém foram punidas, em certas situações, com a morte. No entanto, a desobediência feminina, trazida no mito de Eva, resiste no inconsciente de muitas mulheres. Além do mito de Eva, podemos citar Lilith, que foi anterior a Eva. Para Robles (2019), Lilith é vista como

Um demônio noturno, a paixão da noite, anjo exterminador das parturientes, assassina de recém-nascidos, sedutora dos adormecidos, uma prostituta voluntariosa ou, para um juízo mais são, **uma vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina e prefere a transgressão à vassalagem. Lilith é ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens;** é igualmente a mais remota concepção feminina, que transmigrou para o judaísmo pós bíblico a partir da mitologia da antiga Suméria como a primeira mulher de Adão, como ele criada do pó e insuflada com o sopro divino para fundar nossa espécie sem que houvesse aparente superioridade do homem sobre a mulher, até enfrentar no leito o desafio de sua submissão, o que provocou uma retificação mitológica por meio da suposta fragilidade de Eva (ROBLES, 2019, p. 35, grifos nossos).

A autora ainda cita que:

A ideia de uma mulher boa e outra má, encarnadas por Eva e Lilith, permaneceu até nossos dias, embora recaia também sobre Eva a maldição atribuída a seu pecado de

orgulho. E é esse orgulho que congrega todas superstições feminina e que, através dos mitos, se manifesta a partir do simples desejo de igualdade até os encantamentos da feiticeira que persuade a vontade dos homens por meio de procedimentos ilícitos (ROBLES, 2019, p. 37, grifos nossos).

A sombra arquetípica de Lilith ainda ronda o inconsciente de homens e mulheres. Lilith simboliza tudo aquilo que não é bom, o que é proibido pela doutrina cristã, ela é transgressora, demoníaca, não aceita ordens, então o desejo dos homens foi minimizá-la, ligá-la a tudo o que é ruim. Portanto, Lilith não aceita comandos e reivindica suas forças. Diminuída, ela não aparece à luz do dia, e sim à noite para atormentar os sonhos de quem não consegue olhá-la sob a luz.

O simbolismo arquetípico de Lilith expõe como mitos antigos, muitos deles menosprezados, ainda vivem no inconsciente dos seres humanos. Se ficarmos atentos, não demoraremos a nos encontrar com tais símbolos, seja por meio de sonhos, fantasias ou devaneios. Símbolos emergem o tempo inteiro na nossa consciência, o que não quer dizer que nos dispomos a compreendê-los sempre que aparecem. Jung (2016) afirma que além dos sonhos, as fantasias também nos colocam de frente com os símbolos. Conversas aleatórias com amigos, devaneios sobre qualquer assunto de interesse num estado de relaxamento também propiciam o contato com representações simbólicas. O mesmo símbolo evidente nem sempre quer dizer as mesmas coisas para duas pessoas que estejam vivenciando situações diferentes, bem como, pessoas que vivem situações semelhantes podem ser alertadas por simbologias distintas, partindo da história de vida de cada uma.

Jung (2014) diferencia o inconsciente pessoal, como uma camada mais superficial, sendo mantido por uma camada mais profunda, do inconsciente coletivo, inerente a todo ser humano, pois “são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo” (p. 12). Para o autor, “os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos” (p. 12).

O autor ainda ressalta que os arquétipos não são determinados pelo seu conteúdo, e sim uma forma que pode vir a ser preenchida, com exceção do núcleo que pode ser invariável, a princípio. Neste caso, podemos usar a deusa Vênus como exemplo, para alguns pode ser uma mulher sem o menor decoro, para outros uma mulher de uma beleza incomparável, e ainda há aqueles que encontrarão o que é sagrado em suas formas. Podemos exemplificar ainda a partir de Lilith que, por muitas histórias maléficas contadas a seu respeito (sempre relacionadas a

morte, obscuridade, profanação), são cerceadas as possibilidades de entender o arquétipo de Lilith de outra forma que não seja a demoníaca. Podemos basear aqui uma justificativa do porquê de alguns arquétipos femininos, ou a maioria deles, serem vistos como sombra, pois estão relacionados ao que é proibido, negado à consciência humana, tornando-se inconsciente e emergindo nos sonhos, nas fantasias ou nos devaneios.

Seria possível preencher o arquétipo de Eva com outros conteúdos para além dos que constam nas escrituras sagradas? Eva constitui uma imagem de mulher que, mesmo não obedecendo a Deus, não é vista como a transgressora Lilith, porém ainda não é o modelo de mulher a ser seguido, visto que, além de pecar, ela persuadiu Adão ao mesmo erro que ela cometeu. Na religião cristã, encontramos Maria, mãe do filho de deus, que concebeu seu filho milagrosamente. Maria, é virgem, obediente a deus. Uma mulher de fé. Um exemplo a ser seguido, uma mulher submissa aos desejos do pai, com o lado espiritual desenvolvido, no entanto, é uma mulher terrena, que não se deixa envolver pelos desejos mundanos. Os conteúdos colocados no arquétipo partem da vivência de cada ser humano e das crenças instauradas, como seria possível ver outro lado em Maria, assim como em Eva e Lilith? Ou como as mulheres poderiam exigir igualdade ao masculino se por tantos anos foram silenciadas e aclamadas somente por seu lado espiritual, reprimindo seu ímpeto sexual, seus desejos e suas fantasias?

Jung (2016) afirma que quando os símbolos emergem na consciência humana não é suficiente a interpretação do sonho ou das fantasias: é preciso relacioná-los ao contexto da vida do sonhador. O autor ainda menciona que os arquétipos não são frutos da nossa consciência, não obstante:

Se os arquétipos fossem representações originadas na nossa consciência (ou adquiridas por ela), nós certamente os compreenderíamos, em lugar de nos confundirmos e nos apresentarmos quando se apresentam. O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e o das formigas para se organizarem em colônias (JUNG, 2016, p. 83).

6 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA NA ESCOLA COM AS PROFESSORAS

A partir destas inquietações expostas ao longo do trabalho, me propus a realizar esta pesquisa no município de Vale do Sol, localizado no interior do estado do Rio Grande do Sul, com um grupo de mulheres professoras que possuem vínculo efetivo por meio de concurso público, estando na ativa ou aposentadas. Inicialmente convidei oito professoras com idade entre 29 e 64 anos de idade, de diferentes áreas de formação. Uma das convidadas optou por não participar dos encontros, pois como sua primeira gestação estava em estágio avançado, preocupou-se em não assumir o compromisso já que necessitaria de tempo para adaptação com a chegada do seu bebê.

As professoras lecionam em duas escolas da rede municipal. Da Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe do Santos, da localidade de Rio Pardense, participaram três professoras, e da Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista, situada na localidade de Formosa, outras três professoras. A sétima professora goza de sua aposentadoria. As duas escolas se situam em localidades da área rural do município, pois Vale do Sol não possui escolas municipais de ensino fundamental na área urbana.

Quadro 1 – Perfil das participantes.

Professora	Idalina	Ana Carolina	Arminda	Iria	Paula	Eugênia	Isabel
Idade	64 anos	47 anos	46 anos	44 anos	44 anos	36 anos	29 anos
Tempo de Docência	40 anos e 5 meses	22 anos	24 anos	26 anos	23 anos	14 anos	9 anos
Estado Civil	Divorciada	União Estável	Casada	Casada	Casada	Casada	Casada
Filhos e Netos	Mãe de 4 filhos (2 vivos) e seis netos	Mãe de 1 filho	Mãe de 1 filho	Mãe de 2 filhos	Mãe de 1 filho	Mãe de 1 filho	Sem filhos
Origem dos Pais	Germânica	Germânica	Pai: Germânica Mãe: Brasileira	Germânica	Germânica	Pai: Indígena Mãe: Germânica	Mãe: branca Pai: negro
Religião	Evangélica	Católica não	Católica praticante	Católica praticante	Formação católica,	Católica	Agnóstica

		praticante			mas protestante por opção		
Formação	Lic. curta em Matemática e Ciências	Lic. em Educação Física	Lic. em Ciências Biológicas	Lic. em Matemática e em Pedagogia	Lic. em Pedagogia (Anos Iniciais)	Lic. em Geografia	Lic. em Letras
Cargo atual	Professora Aposentada	Professora	Professora	Professora	Vice-diretora	Professora	Professora

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2023.

A escolha dos nomes com os quais me referi às integrantes na escrita faz referência às mulheres que vieram antes destas mulheres. Quando iniciei a escrita da pesquisa não conseguia escrever, as palavras que vinham não eram as que eu gostaria de dizer. Em uma certa noite sonhei que eu precisava ir para a casa dos meus avós, pensei imediatamente nos meus avós maternos, pois eram os avós que tive contato quando criança. Ao acordar fiquei pensando o que significava aquele sonho, pois foi um sonho muito rápido, como uma ordem de uma voz do meu interior. Logo veio a ideia de homenagear as mulheres que vieram antes. Muitas vezes as mães, as avós e as tias foram referidas nos encontros, quase sempre por algo que não conseguiram fazer, viver, pelo trabalho doméstico e sofrimento que a elas foi destinado ou pelo tratamento dado aos homens diferente dos que essas mulheres receberam. A partir disso, cada participante escolheu uma ancestral sua a quem gostaria de homenagear para ser chamada pelo mesmo nome. Quando cito os nomes das professoras, estou citando na verdade o nome de uma mulher que veio antes na linhagem genealógica de cada mulher participante da pesquisa.

Muito diferente de uma escola situada em um centro urbano é o clima que se apresenta nas escolas nas quais lecionam as docentes participantes da pesquisa. A figura do(a) professor(a) ainda é referência e um modelo a ser seguido. O afeto aponta desde a espera dos educandos no portão ao querer saber como é a vida do profissional que os atende. Nestas escolas, professor(a) é professor(a) mesmo que não lecione para determinada turma, o docente é referência para os educandos, para as famílias e para as comunidades. Na maioria das vezes o(a) professor(a) não é reconhecido pelo nome, mas pela profissão: *o professor ou a professora*.

Muito me surpreendi no primeiro ano em que lecionei em Vale do Sol. Era carona que vinha fácil, o ônibus que esperava quando havia um atraso ou ainda ser reconhecida pelos vizinhos como a professora, como se o nome assumisse uma função secundária, pois o título de professora vinha na frente. Há uma presença muito forte da comunidade dentro da E.M.E.F.

São João Batista. Neste educandário, a comunidade abraça a escola, sendo uma instituição mantida financeiramente pelo auxílio e pela participação dos parceiros comunitários: pais, familiares e comunidade em geral. O auxílio financeiro não é algo pedido pela escola, já que a organização parte espontaneamente da comunidade.

Para compreender e valorar o arquétipo do feminino que atua neste município e nestas escolas, organizei a pesquisa em seis encontros, sendo que um deles aconteceu de forma presencial e os outros cinco de forma síncrona. Tudo foi combinado com o grupo no primeiro encontro. A intervenção foi realizada de setembro a novembro de 2023, período que confere com o último trimestre das escolas, no qual a demanda de atividades dos(as) professores(as) cresce. Realizar os encontros presencialmente poderia acarretar numa demanda a mais para estas mulheres, o que dificultaria a realização da pesquisa e sua participação.

Por este mesmo motivo, nem todas as professoras participaram de todos os encontros, além das demandas pessoais da vida de cada uma. A não presença nos encontros da pesquisa e a valoração do trabalho e da família também são um elemento importante para a construção do arquétipo do feminino destas mulheres. Todas estas ausências e motivações foram respeitadas e acolhidas, pois independentemente da quantidade de integrantes que se faziam presentes, sempre surgiam símbolos e conversas importantíssimas que davam um significado ao modo de fazer docência de cada uma e do grupo, já que todas, mesmo que com colocações um pouco distintas, um tanto mais delicada ou agressiva, acabavam por concordar com a posição da colega.

A reflexão, o pensamento e a conversa foram vivências presentes em todos os encontros. Em cada encontro fiz a leitura de um mito feminino que apresentava elementos diferentes da psique feminina. Escolhi a mitologia de seis deusas gregas: Afrodite, Ártemis, Perséfone, Atena, Demeter e Hera. Não houve um momento específico para a leitura da mitologia, algumas vezes li no início, outras no meio e outras vezes para o encerramento do encontro. Os mitos e os arquétipos das deusas permaneceram ao longo dos encontros em permanente diálogo entre as pesquisandas e a pesquisadora. A presença da mitologia proporcionou a amplificação reflexiva em torno das temáticas trazidas por cada professora individualmente e na complexidade da discussão em grupo.

Todos os encontros foram tocantes, na minha percepção, visto que muitos deles trouxeram a alegria, o amor, a dor, o sofrimento - às vezes referido em gargalhadas ou em falas de superação -, a beleza, o desconforto de falar sobre algo ou de expor sua opinião, a

sensibilidade, a força, a imposição, o novo e o velho. O presente, o passado e o futuro se cruzaram muitas vezes. O que eu era e já não sou mais, como também quem sou eu após determinada situação que vivi.

Em Miradas (2019), os pesquisadores dizem que “a abordagem fenomenológica enfatiza tal olhar e percepção individual, mas busca neles o que seria verdadeiro para todo ser humano. No entanto, isso só pode ser alcançado com empenho. O empenho e esforço de olhar, descrever, olhar novamente, perceber” (p. 47). A descrição que farei das imagens apresentadas trarão muito da minha percepção, porém a partir da observação atenta estarão o mais próximo possível da vivência do outro, visto que “nessa maneira de fazer observação estamos implicados, comprometidos, curiosos e envolvidos. E, na pele do outro, a surpresa do encontro consigo mesmo” (MIRADAS, 2019, p. 23).

Em alguns encontros propus vivências como a argila, a escrita, pintura e o desenho.

Primeiro encontro: O primeiro encontro aconteceu de forma presencial no auditório da Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista, contou com a presença de cinco das sete convidadas. Conversamos sobre a narrativa da deusa Ártemis. A proposta do primeiro encontro era o diálogo, para que pudéssemos nos conhecer enquanto mulheres, para além da sala de aula, pois como colegas professoras todas já se conheciam.

Segundo encontro: O segundo aconteceu de forma síncrona, e contou com todas as integrantes do grupo. Propus que pensássemos sobre o arquétipo do feminino e o que representava este arquétipo para cada uma delas. Realizei neste dia a leitura do mito de Afrodite. Pedi que registrassem o significado do arquétipo do feminino por meio da escrita, e ao final do encontro dividíssemos a partir da leitura oral com as colegas.

Terceiro encontro: O terceiro encontro aconteceu de forma síncrona e propus que a partir da máquina de lavar roupas pensássemos sobre o que estávamos fazendo nos encontros e o significado da máquina de lavar roupas a partir de uma perspectiva do arquétipo do feminino, pois havia ficado intrigada com o aparecimento deste símbolo no primeiro encontro. Narrei a elas o mito de Perséfone e propus a vivência com argila. Foi o encontro mais emocionante e ao mesmo tempo doloroso para mim, pois as participantes tocaram em algumas feridas bastante profundas, mesmo que de forma breve. Neste encontro havia cinco participantes.

Quarto encontro: No quarto encontro trabalhamos com o significado dos símbolos que nos atravessaram a partir da vivência com a argila. Neste encontro as participantes relataram sobre

o que significava o símbolo moldado por elas no encontro anterior, que também aconteceu de forma síncrona e contou com a presença de seis participantes. Finalizei este encontro com a narrativa mitológica da deusa Hera, e propus a vivência com tinta têmpera, para que, desta vez, partindo das conversas nos encontros elas pintassem a representação do arquétipo do feminino.

Quinto encontro: O quinto encontro foi o que obteve menos adesão das participantes. Neste encontro, houve a presença de duas participantes, devido à falta de energia elétrica na cidade de Vale do Sol e à véspera de feriado. Neste encontro propus que pensássemos a sociedade patriarcal a partir do mito de Atena, e como as participantes viam esta narrativa mitológica relacionando com suas vivências na vida profissional. Foi o encontro mais desafiador, pois apesar de nos encontros assumir o papel de pesquisadora, na escola eu ainda sou colega de trabalho das participantes da pesquisa. Para mim, estava clara a separação destes dois papéis em que eu tinha funções extremamente diferentes, no entanto, para algumas das participantes não estava claro.

Sexto encontro: Este encontro foi organizado em dois momentos. No primeiro momento propus que terminássemos as atividades propostas no quarto e no quinto encontro. Trouxemos a narrativa de Atena, juntamente com o símbolo pintado com tinta têmpera e seus respectivos sentidos a cada participante e as discussões pertinentes sobre a escola. No segundo momento tive a parceria da professora Ana Luisa de Teixeira de Menezes para a finalização da intervenção. No encerramento li a narrativa de Baubo e Deméter.

As vivências auxiliaram na emergência simbólica, bem como na complementação da fala da integrante, algumas vezes em contraposição às palavras que proferia, manifestando um desejo de transformação ou de algo diferente ao que se referia.

Em todos os encontros utilizei o círculo de cultura, de abordagem freireana, de forma que uma pudesse intervir, discutir e complementar a fala da outra de forma espontânea e respeitosa. O círculo de cultura, criado por Paulo Freire (1987) na educação de adultos para a criação de um indivíduo crítico, conhecedor e criador da própria realidade, sendo característico das pesquisas do grupo no qual esta pesquisa está inserida (Peabiru: educação ameríndia e interculturalidade), foi utilizado como meio de facilitar o diálogo e as reflexões entre as integrantes da pesquisa, pois é um modo de pesquisar e “pensar educação como um ato político, um ato de conhecimento e um ato criador. Tudo permeado pelo diálogo, porque numa educação dialógica todos ensinam e todos aprendem” (CAVALCANTE; GÓIS, 2015, p. 95).

O círculo de cultura é abordado também na educação biocêntrica de Ruth Cavalcante e Cezar Wagner de Lima Góis e colaboradores (2015). Para os autores, a disposição das pessoas em grupo permite que todos se sintam iguais nas suas diferenças, além de ser uma forma de quebrar a forma linear e tradicional da educação:

É, portanto, um espaço reflexivo e participativo, na qual as pessoas são reconhecidas em sua individualidade dentro do coletivo. Uma maneira de codificar, ler a realidade, na qual a pessoa procede a decodificação, isto é, faz análise sobre o que foi visto, para voltar a codificá-la, ou seja, dar um novo significado a ela. Paulo Freire não expressa só um estilo pedagógico, ele relewa, sobretudo o fundamento de toda a sua práxis: a sua convicção de que o homem e a mulher foram criados para se comunicar uns com os outros (CAVALCANTE; GÓIS, 2015, p. 223).

A descrição da intervenção no capítulo oito, não acontece em uma forma cronológica exata, em razão de ter aproximado certos aspectos que assemelhavam ou que traziam mensagens parecidas, na minha interpretação de pesquisadora, apesar de na maioria das vezes tentar seguir a cronologia.

7 AUTOCONHECIMENTO: UMA FENOMENOLOGIA PARA A ALMA

7.1 Bachelard: a casa e a alma

Assim como Jung se dedicou ao estudo dos sonhos, Campbell ao estudo dos mitos, Bachelard se dedicou ao estudo do devaneio. Para Bachelard (1988), é na solidão dos seus devaneios que o indivíduo encontra em si duas imagens: o masculino e o feminino. Nas profundezas da psique humana se encontra esse casal apaixonado que conversa sem nenhuma rivalidade:

De fato, parece-nos incontestável que uma palavra permanece ligada aos mais longínquos, aos mais obscuros desejos que animam, em suas profundezas, o psiquismo humano. O inconsciente murmura ininterruptamente, e é escutando esse murmurar que logramos aprender-lhe a verdade. Por vezes, os desejos dialogam em nós. Desejos? Talvez lembranças, reminiscências feitas de sonhos inacabados... Um homem e uma mulher falam na solidão de nosso ser. E, no livre devaneio, eles falam para se confessar mutuamente os seus desejos, para comungar na serenidade de uma dupla bem entrosada. Nunca para se combater. Se esse homem e essa mulher guardam um vestígio de rivalidade, é porque estão sonhando mal, é porque atribuem os nomes do dia-a-dia aos entes do devaneio intemporal. Quanto mais se desce nas profundezas do *ser falante*, mais a alteridade do ser falante se designa como a alteridade do masculino e do feminino (BACHELARD, 1988, p. 55).

A presença deste casal alquímico é também relatada por Jung (2016) como *anima* e *animus*, como já mencionei em capítulos anteriores. Bachelard (1988) entende que os devaneios, sejam eles em homens ou mulheres, são conduzidos pela *anima*. Para o autor existe “a leitura do *animus* e a leitura da *anima*” (p. 61), e ousaria dizer que assim como a leitura, também exista a escrita do *animus* e a escrita da *anima*, mesmo que Bachelard entenda que o escrever seja um esforço do *animus*, a linguagem da escrita que se entrega a escrever os devaneios são puramente da *anima*. Feliz do sujeito que consegue intercalar este casal alquímico na consciência, sem se perder nas trocas constantes que estes arquétipos realizam entre si.

Ao primeiro assalto a escrever sobre Bachelard, meu pensamento foi explicar o que era fenomenologia e o que o autor dizia sobre tal fundamento. Assim como todas as vezes que tento dizer algo e que não sei o que gostaria de dizer, as palavras me escapam, elas se escondem em um recanto tão profundo da minha psique que não consigo encontrá-las, a não ser a medida racional da explicação. Mas seria possível explicar o fenômeno do surgimento das imagens?

Após me deparar com “a fenomenologia do redondo” (BACHELARD, 1993, p. 236), na qual o autor afirma que a vida é redonda, e perceber a vida na sua redondeza não requer uma compreensão, todavia necessita da presença no instante em que vivemos uma imagem. Para o

autor, “essas imagens apagam o mundo e não têm passado. Não procedem de qualquer experiência anterior” (p. 236). As imagens são primitivas, não se as explica, por isso não têm passado. Não há como fazer uma trajetória de como cheguei a tal imagem e por quais motivos elas emergiram em tal momento. O desejo de compreender é inerente ao ser humano moderno. Deixar de lado tal ânsia para viver a imagem no sentido primordial que ela apresenta impõe ao ser imaginante o abandono do controle da própria imaginação. O aparecimento de tais imagens fogem ao controle assim “como não podemos transportar tais imagens para qualquer tipo de consciência” (BACHELARD, 1993, p. 236).

As vivências de cada ser humano acabam por construir quem esse ser humano é. No entanto, o aparecimento de uma imagem não está relacionado à história do indivíduo, ela não possui uma causa. Muitas vezes me questionei como havia chegado ao meu tema de pesquisa, em que instante, e como todo ser que deseja compreender, quis fazer uma trajetória para o aparecimento do arquétipo do feminino em minha consciência. Há elementos que constituíram essa trajetória, não obstante, esses elementos não são a imagem, pois ela não se materializa. O passado pode ressoar através dela, mas não a apresenta, não a justifica. Para Bachelard, para explicar

a relação entre uma imagem poética nova e um arquétipo adormecido no inconsciente, será necessário explicar que essa relação não é propriamente *causal*. A imagem poética não está sujeita a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundidade esses ecos vão repercutir e vão morrer. Em sua novidade, em sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio. Procede de uma *ontologia direta* (BACHELARD, 1993, p. 2).

Jung (2014) identifica o arquétipo como uma forma a ser preenchida. Não há como definir o que cada um irá colocar dentro desta forma ou como descreverá essa forma. Relaciono este entendimento trazido por Jung à abordagem fenomenológica de Bachelard (1993) sobre a casa, visto que a casa também é um arquétipo. A casa não necessariamente está ligada à imagem material da casa, e por conseguinte a sua representação. A casa como imagem onírica ou do devaneio tem o significado que o ser sonhador ou imaginante dá a ela. A casa arquetípica pode não ser onde o corpo habita, mas onde a alma está.

Quando construímos uma casa, planejamos, fazemos uma planta, buscamos referências e a construímos. Sem embargo, por mais que saibamos o instante que a imagem nos ocorreu, não conseguimos explicar por que nos ocorreu em determinado instante. Quando a casa que sonhamos ou devaneamos está pronta, mobiliamos. A escolha dos móveis é do proprietário da casa. Pode ser que muitas pessoas vão mobiliá-la com os móveis mais requintados, outras mais

humildemente; haverá aquelas que não terão nada para pôr dentro da casa e, ainda, existirão aquelas que após a casa construída perceberão que a casa imaginada não tem sentido, por ter sido construída por puro ego e não por uma imagem brotada da alma.

Haverá moradores que cuidarão da casa com tanto zelo e delicadeza que não existirá uma maçaneta emperrada que passe a seus olhos. Todo cuidado com a casa, para ele, será pouco. Um mero desrespeito à casa não passará despercebido. Esse bem se tornará um pedaço de si mesmo a ponto de não conseguir passar tanto tempo fora sem sentir certo estranhamento. Por certo, o afeto nutrido a esse espaço já tomou parte de si. Já não se separa mais a casa e o morador, a ponto de não se definir quem habita quem: a casa que habita o morador ou o próprio morador que habita a casa. Existirá a esse habitante a consciência que não é o único a possuir a casa, mas que cada indivíduo pode cuidar da sua casa como melhor definir ou como seus desejos apontarem.

A descrição da casa nesta pesquisa se materializa fenomenologicamente na função da casa. Por conseguinte, quem toma essa função é o feminino, não como um espaço físico, mas como um espaço invisível no qual a própria alma das mulheres habita. O núcleo do arquétipo descrito por Jung (2014) é o mesmo para todos os seres, o que o diferencia é a mobília. Penso que o núcleo do arquétipo do feminino, mesmo que seja difícil descrever, ousarei dizer, que assim como a casa, refere-se à proteção, a intimidade e ao acolhimento, alguns destes elementos são trazidos por Bachelard (1993) a respeito da casa.

O feminino que eu habito ou que me habita não serve de base para definir o feminino que habita as mulheres integrantes da pesquisa, pois precisei me despir dele, não completamente, para que eu pudesse compreender e me relacionar com o feminino que habitava esses outros femininos. Ao mesmo tempo que foi necessário abrir mão do feminino que me habita para compreender os outros, não podia retirá-lo completamente de mim, pois a compreensão de outras almas só é possível se ainda estivermos habitadas pela nossa.

O surgimento da imagem não tem uma causa, mas o relacionamento que o ser imaginante ou sonhador manterá com a imagem está relacionado à capacidade de lidar com os frutos do próprio inconsciente, de ressignificação dos traumas, de transformação do velho em novo e da existência de um mundo invisível totalmente desconhecido à consciência e à cultura do indivíduo.

Bachelard (1993) acredita na transubjetividade das imagens devaneadas, bem como Jung (2016) se dedicou ao estudo dos símbolos oníricos para além de um elemento particular, mas como aspectos pertencentes à humanidade. Para Bachelard (1993),

só a fenomenologia - isto é, a consideração do início da imagem numa consciência individual - pode ajudar-nos a reconstituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude e a força, o sentido da transubjetividade da imagem (p. 3).

7.2 Jung e Campbell: a trajetória do(a) herói (heroína)

O processo de conexão com o sagrado se dá por meio do processo de individuação, conceituado por Jung (2016), pois é a busca inconsciente de um encontro do “Si mesmo” através de figuras arquetípicas que se revelam a partir de imagens oníricas. Estas imagens podem ser encontradas nos diversos mitos ancestrais espalhados por diversas culturas no mundo. Para o autor, o Self é o organizador absoluto das imagens oníricas, pois ele representa a totalidade da psique e promove por meio de um fenômeno natural a abertura para o crescimento psíquico de cada indivíduo.

A individuação tem como finalidade o desenvolvimento pessoal e a realização completa do Si-mesmo guiado pelas forças instintivas. O Si-mesmo é a realização das melhores potencialidades humanas em conexão com as forças do coletivo, o que produz uma compreensão sobre o significado da vida (JUNG, 2016). O indivíduo, ao sentir que lhe falta algo, acredita que vai conseguir preencher o vazio por meio de coisas que são oferecidas pelo meio externo - drogas, cultos religiosos, medicações, sexo, excesso de trabalho, dependência emocional de outro indivíduo, neuroses, abuso de poder, aceitação da situação etc. Porém, existem aqueles que entendem que o que lhes falta é intuído a partir de algo que transcende a consciência e que é um chamado maior do próprio inconsciente e da própria alma para se encontrar consigo mesmo. Isso acontece quando o processo de individuação se torna consciente para homens e mulheres.

Campbell (2000) traz o processo de individuação a partir da jornada do herói, pois para ele o herói “é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas, pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” (p. 28), a partir da separação do mundo externo e do seu mundo interno, diferenciando o macro e o microcosmo. Porém, o herói ou heroína deve ter um coração disponível.

Campbell entende que o mito e o sonho exercem a mesma função na compreensão da jornada do herói. No entanto, “o sonho é o mito personalizado e o mito é o sonho

despersonalizado” (CAMPBELL, 2000, p. 27). O sonho compreende as imagens da realidade do indivíduo que sonha, enquanto o mito traz imagens universais da cultura humana, que estão para além do domínio de uma única cultura.

Na sociedade moderna, há a crença de que o herói ou a heroína precisa ser uma celebridade, desconsiderando a jornada pessoal de desenvolvimento de cada ser humano. Hollis (2005) transfigura a imagem desse arquétipo a todas as pessoas que encontraram a sua jornada, compreendendo que as batalhas dos heróis e heroínas ancestrais não são as mesmas que a sociedade moderna enfrenta hoje. A disciplina, o enfrentamento de um dia de trabalho cansativo em um ambiente hostil, com baixa remuneração, pode ser a tarefa que o herói ou a heroína precisa enfrentar para seu processo de transformação.

Jung (2015), nos escritos em que se dedica a descrever os encontros com as imagens do seu interior, fala sobre a importância de cada ser humano encontrar sua própria vida. Segundo o autor, as pessoas que vivem uma vida a partir da imitação de outra, vivem a vida do outro e não a vida que lhes pertence: “ai daqueles que vivem segundo exemplos! A vida não está com eles. Se viveis segundo um exemplo, viveis a vida do exemplo, mas quem deve viver vossa vida a não ser vós mesmos? Portanto, vivei a vós mesmos” (JUNG, 2015, p. 114).

No decorrer da vida, cada ser humano constrói inúmeras relações, assume diversos papéis dependendo do ambiente ao qual está inserido, e seu maior desafio é não viver apenas o caminho que a sociedade espera que ele viva, mas sim encontrar sua própria jornada, pois “cada um de nós tem um encontro marcado consigo mesmo, embora a maioria de nós nunca apareça para este encontro” (HOLLIS, 2005, p. 75). Para Hollis (2005), o maior desafio no processo de individuação é o ego, pois a jornada do herói pode ser turbulenta e extremamente desafiadora, indo em direção contrária às fantasias e aos desejos do ego, o que a torna ainda mais difícil de ser realizada. Todavia, o ego compreende apenas uma parte da psique, sendo o Self responsável pela totalidade que o ego não alcança:

Precisamos nos lembrar que o que aprendemos com a natureza, com o nosso encontro com o mundo ou com a psique, pode não ser prazeroso para o ego. E ainda assim, tal conhecimento expande nosso campo de ação, e também nossa liberdade. Muito do que precisamos aprender sobre nós mesmos, nossos encontros com a sombra, irão se mostrar perturbadores para as fantasias do ego. Muito do que aprendemos do mundo e seus truques vão minando nosso idealismo. Muito do que trazemos, na verdade, torna o viver mais doloroso, mas também mais honesto. (HOLLIS, 2005, p. 93).

O encontro do prazer nas coisas que apresentam resultado imediato, a comparação com o propósito do outro e a falta de preparo para lidar com as próprias frustrações afasta homens e mulheres do encontro de si mesmos. Portanto, as situações apresentadas os levam para um

caminho com frustrações e dores maiores ainda, não apenas para si, mas para toda a humanidade que precisa do trabalho individual de cada um para o crescimento coletivo.

As forças instintivas continuam a chamar mesmo que a humanidade tenha tentado afastá-las e descredibilizá-las. Estar atento ao aparecimento destas forças facilita o processo de tornar-se o “Si mesmo” de cada indivíduo. Essas forças instintivas são forças que atingem tanto homens, como mulheres, porém podemos afirmar que as mulheres, devido à constituição organizacional da sociedade na qual vivemos e que supervaloriza tudo o que é relacionado ao arquétipo do masculino, têm a força instintiva do arquétipo do feminino negada.

O modelo de sociedade atual defende um modelo de feminino ideal e único, no qual as mulheres devem estar pertencentes, devem ser dóceis, sensíveis e delicadas, podendo todo e qualquer adjetivo que as tire deste padrão. Com isso o feminino é castrado e não tem força de enfrentamento para ser o que deveria ser, causando nas mulheres resignação a diversos modos de violências, adoecimentos, neuroses, silenciamento e complacência com o masculino e com o sistema do qual não fazem parte.

A partir dos conceitos da psicanálise, Beauvoir (2016) analisa o complexo de inferioridade aos quais mulheres são submetidas e conseqüentemente acabam aceitando a subserviência como uma estratégia social de sobrevivência, e não biológica. Desde cedo, as meninas entendem os privilégios permitidos aos meninos, os quais não cabem a elas. Além disso, a posição de domínio que o pai ocupa na família afirma a superioridade masculina na sociedade, à qual espera-se que toda mulher se submeta.

No mito de Eros e Psiquê, é possível encontrar os estágios de individuação de Psiquê, arquétipo do feminino em questão no mito, partindo das quatro tarefas que ela recebe da deusa Afrodite (NEUMANN, 2017). A realização das tarefas é necessária ao processo de individuação de Psiquê e da busca de Eros. Em algum momento da vida, as mulheres passam pelo processo de individuação de sua própria psique e o confronto com a deusa Afrodite. Algumas mulheres têm no seu processo tarefas muito dolorosas, momentos de dor e aflição, e essas tarefas se apresentam de formas diferentes para cada mulher. Esses eventos, os quais chamamos de tarefas da Psiquê, são acontecimentos concretos na vida das mulheres, não somente transformações dadas de modo inconsciente. As tarefas recebidas por cada mulher é o que permite que o processo de individuação se torne completo e assim possa encontrar e nutrir a força arquetípica do feminino.

No processo de individuação, que é algo pessoal e intransferível, as mulheres professoras, após as turbulências, têm a possibilidade de reconhecer seu próprio modo de fazer docência, que se dá a partir do reconhecimento de si mesma (conexão com o arquétipo feminino), da sua formação profissional, do ambiente no qual está inserida, e principalmente dos acontecimentos da sua vida e da sua ancestralidade.

Nos dias atuais temos muitas informações sobre a quantidade de conhecimento que a escola deveria transferir a seus alunos e como esse conhecimento deveria ser transferido, porém, muito pouco se fala de uma educação onde o profissional possa escutar a própria alma (ROBERTO; MENEZES, 2021). Essa escuta tornaria a professora mais sensível à própria prática e não menos profissional.

8 AMPLIFICAÇÃO SIMBÓLICA: SÍMBOLOS EMERGENTES NA ALMA DAS MULHERES

8.1 Ártemis e maternidade: a oposição em diálogo

A cada encontro surgiam novos símbolos e me conduziam a outros mitos que me levaram a compreender a grandiosidade e as faces escondidas e negadas pela sociedade ao feminino. A amplificação simbólica, bem como a imagem poética abordada por Bachelard (1988) me auxiliaram na compreensão dos relatos e na conexão destes relatos com as imagens apresentadas pelas professoras sobre o arquétipo do feminino.

Aqui trago elementos do primeiro e do terceiro encontro. Situo estes encontros, pois as conversas partiram da relação com ações diárias que estas mulheres têm em suas vidas. O primeiro encontro aconteceu após dias chuvosos. Havia previsões de tempestades e enchentes, porém neste dia o sol voltou a brilhar. Tinham sido dias difíceis no Rio Grande do Sul, pois muitas famílias perderam tudo o que tinham de bens materiais com as fortes chuvas que assolaram algumas regiões do estado. Entretanto, o que conversaria um grupo de mulheres professoras reunidas com a proposta de compreender as nuances do feminino por meio da mitologia? O que simplesmente não foi programado por não saberem qual seria a previsão tempo? O esquecimento de ligar a máquina de lavar roupas! Enquanto a máquina de lavar roupas faz um trabalho que há poucas décadas era um “serviço de mulher”, as mulheres alcançam a possibilidade de ter sua própria independência profissional e financeira.

Mesmo diante de uma ação tão corriqueira para alguns, encontramos diferenças na escolha da máquina de lavar roupas: uma optou pela que lava e seca, a outra pela que lava e centrifuga e ainda há aquela que optou pela que só lava. Poderíamos entender, apenas, como um pequeno elemento que passa despercebido, porém, como estamos trabalhando com forças arquetípicas e mitológicas, toda narrativa manifesta tem seu significado, e leva ao conhecimento e entendimento de si mesma. Partindo disto, surgiram vários questionamentos: o que essas mulheres estão propondo quando falam da máquina de lavar roupa? Elas querem lavar as roupas sujas? Quais roupas estão querendo lavar? O que representa lavar as roupas sujas nesta pesquisa?

Pensando na escolha da máquina de lavar roupas, entendemos que as mulheres reunidas já encontram esse caminho para a escolha e entendem o valor das escolhas realizadas. A escolha de negar ou assumir o arquétipo do feminino, de estar ou não presentes nos encontros descritos a seguir, de discutir ou abster-se em determinados assuntos, de expor ou não seus desejos mais

intensos, de entregar-se ao desenvolvimento da pesquisa, assim como se permitiram escolher a máquina de lavar roupas que melhor se encaixa nas suas necessidades.

No terceiro encontro retorno à máquina de lavar roupas e as questiono sobre a possibilidade de estarmos lavando as roupas sujas na pesquisa e se conseguem fazer tal relação. Para elas, ainda que inicialmente, a resposta vem de forma racional e consciente. Nos primeiros momentos fazem relação à utilidade da máquina de lavar roupas. Uma das professoras compara a máquina de lavar a uma empregada.

Professora Eugênia: Ter uma máquina de lavar é como ter uma empregada.

Professora Idalina: É tempo e economia.

Professora Iria: Agilidade.

Professora Idalina: Agiliza o tempo.

Professora Ana Carolina: O trabalho ficou mais leve...deixa a máquina de lavar estragar para ver o que acontece!

Professora Eugênia: É algo indispensável!

Professora Ana Carolina: O que nossas mães e avós passaram para lavar as roupas.

Professora Eugênia: Dependiam das filhas jovens para fazer.

Por meio deste diálogo, identifico que este eletrodoméstico, além da economia de tempo, proporcionou às mulheres estabelecerem suas carreiras profissionais fora do lar, ocupando outros papéis além de mães, esposas e donas de casa. O serviço de lavar roupas sendo executado pela máquina, ocupam-se as mulheres de outras atividades, sobra-lhes tempo para se dedicar a outras atividades, mesmo que ainda encontrem nestas atividades certas imposições.

Relaciono essas falas ao mundo invisível (HOLLIS, 2005), àquilo que vemos por meio do mundo mitológico e, conseqüentemente, arquetípico. Aqui encontro indícios que estas falas não são apenas ao modo literal das palavras. Essas mulheres não têm as mesmas obrigações das mães e das avós, e não se submetem às mesmas situações que calavam e que desmereciam as mulheres por serem mulheres. Mesmo que a sociedade ainda seja baseada em valores masculinos, os avanços quanto à valorização da mulher já acontecem, mesmo que de forma ainda pouco satisfatória.

Ártemis é o arquétipo que representa a liberdade. Uma narrativa de um tempo em que o patriarcado ainda não havia se apropriado das características do arquétipo do feminino e as transformado apenas naquelas que melhor agradassem, para pôr as mulheres em um lugar de inferioridade e submissão aos homens. Ártemis, conhecida como a deusa protetora das florestas, o espírito feminino livre e independente, virginal por possuir algo exclusivo, que pertence só a ela, a sua liberdade, que nenhum homem jamais poderá tocar. Também é encontrada em uma das faces da deusa tríplice, a donzela.

O arquétipo da deusa virgem representa a parte da mulher que o homem não possui, alheia à necessidade dele ou à ânsia de ser valorizada por ele. É a parte apartada do homem e da opinião coletiva masculina. A virgem é a mulher autossuficiente, que pode viver a privacidade da sua vida interior. [...] Nesse contexto, “virgem” significa que uma parte significativa de cada uma permanece psicologicamente intocada, sem se referir à virgindade física (BOLEN, 2020, p.151).

Segundo Rinne (2017), todas as seis deusas que levei a narrativa para contar em algum momento nesta pesquisa (Atena, Afrodite, Deméter, Perséfone, Hera e Ártemis) eram cultuadas na era matriarcal como uma única e grande deusa. Na transição para o patriarcado, quando trazidas para o Olimpo, elas foram fragmentadas, como se uma fosse rival da outra e as características presentes em uma deusa não pudessem existir pacificamente em outra. Estar ligadas a características de uma deusa não impossibilita sentir as características da outra fortemente, mesmo que haja uma certa negação da mulher que sente. Para tanto, isto se justificaria pelos opostos que se complementam, no qual a existência de um, ao mesmo tempo que contrapõe, é necessária para a existência e manutenção do outro.

O mundo não é ordenado sob forma de antagonismos, mas de polaridades que se condicionam reciprocamente: a escuridão é a condição anterior a luz; a felicidade é impensável sem o sofrimento, assim como a vida não pode ser entendida sem a morte (RINNE, 2017, p. 55).

O mito de Ártemis e o caçador Acteão conta que quando a deusa se cansava da caça buscava refúgio junto a uma gruta no seu vale sagrado com suas ninfas, próximo a uma fonte de água límpida. Um certo dia, o jovem Acteão se perdeu do grupo com o qual caçava. Chegando perto da gruta avistou Ártemis nua. Suas ninfas fizeram aquele alvoroço. A deusa incomodada jogou água no rosto do caçador que se transformou em veado, sendo perseguido por sua matilha de cães, que esfaquearam o caçador.

Pensando no contexto deste mito, onde a deusa do arquétipo do feminino independente nos remete à importância da sua liberdade e de poder fazer suas próprias escolhas. Não poderia dizer que os olhos de Acteão tocaram a nudez do corpo de Ártemis, mas sim, metaforicamente, tocou o que há de mais sagrado para ela, a sua liberdade de poder estar onde deseja. Ele adentra o seu vale sagrado e por isso desperta a ira da deusa.

O que me intrigou neste encontro foi o aparecimento da maternidade como um assunto central, que me levavam a Ártemis. Questionei-me muitas vezes: qual a relação do arquétipo do feminino livre e independente e a maternidade? Após algumas buscas, cheguei primeiro ao mito de Medeia, o lado sombrio do arquétipo do feminino, que mata os próprios filhos como forma de vingança à traição causada por seu companheiro que a troca por uma mulher mais

jovem e a expulsa de sua terra. Encontro este mito por me sentir provocada pela professora Arminda, onde ela relata:

Ser mãe é algo maior. Quando meu filho nasceu eu andava só de rabo de cavalo e praticamente com a mesma roupa. Eu não sei se hoje eu faria diferente, porque é o momento. As mães que negam o seu filho, continuam sendo mães, mas só negam por não terem construído um vínculo supremo que todas as mães constroem...uma coisa que eu não conseguia compreender eram as mulheres que não queriam ter filhos, esse sempre foi o meu maior sonho, eu nasci para ser mãe, até que uma amiga me disse que ser mãe é uma escolha e nem todas as mulheres tem esse desejo, aí eu compreendi que ser mãe é uma escolha, mas não compreendia como aquilo que era meu maior sonho não era o sonho de outra mulher.

A dualidade da maternidade/não-maternidade é um elemento muito presente neste encontro. A maternidade para a Professora Arminda não está intimamente ligada ao fato de gerar um filho e sim no fato de construir o vínculo com a criança. Este é o questionamento também da Professora Paula sobre a adoção: “*ser mãe adotiva não é ser mãe também?*”, mais um argumento que para essas mulheres o ser mãe está além do gerar. Esses relatos se conectam à narrativa mitológica de Atalanta e a Mãe Ursa (BOLEN, 2020), que após uma rainha esperar um menino na sua gestação e nascer uma menina, Atalanta, o bebê é abandonado na floresta, sendo adotado por uma mãe urso e se transformando em uma grande caçadora ao crescer, tendo a proteção da deusa Ártemis. A mãe urso ou mãe adotiva de Atalanta não a gestou, porém, construiu o vínculo para que pudesse criar a menina, protegendo-a de todos os perigos da floresta e respeitando seu tempo. Conta o mito que Atalanta acompanhou várias irmãs e irmãos ursos crescerem até chegar à vida adulta.

O aparecimento da maternidade no encontro tocado pelo mito da deusa Ártemis se justifica por ser uma face da grande deusa da era matriarcal, pois, para Bolen (2020), a feroz energia protetora encontrada na mãe urso é uma das características encontradas na deusa Ártemis, e não uma qualidade das deusas mães da cultura grega. Para a autora, as deusas da cultura grega nunca foram empoderadas, nem igualadas aos homens, não conseguiram nem mesmo proteger a si mesmas, muito menos a seus filhos dos ataques representados pelos machos. Em alguns mitos a deusa ainda pune o feminino por desequilíbrios dos deuses, como no caso em que Atena puniu Medusa por ter sido violentada em seu templo por Poseidon, ou todas as vezes em que Hera atacava as amantes de Zeus e suas respectivas proles por não conseguir atacar o deus. Ainda posso me referir a Deméter, a deusa da maternidade, que não conseguiu evitar o rapto da própria filha. Ártemis, ao contrário das outras deusas, apesar do seu espírito livre, é a deusa que protege as meninas e mulheres dos perigos que podem aparecer, como protegeu Aretusa, uma de suas ninfas quando atacadas pelo rio Alfeu (BOLEN, 2020).

Uma das integrantes da pesquisa, após o aceite, optou por não participar da pesquisa pelo nascimento do seu filho que estava próximo. Como era seu primeiro filho e por estar insegura sobre como seria o processo de chegada do seu bebê, escolheu esperar este momento sem se comprometer com outras situações. A partir disso, o assunto trazido pela Professora Idalina é sobre a mudança que a maternidade provoca nas mulheres: *“tu teria que fazer essa pesquisa agora com ela e daqui uns três meses, a maternidade modifica, transforma a mulher... Tu ia ver como ela ia ver como ela ia mudar”*. Enquanto isso eu observo o brilho no olhar enquanto fala da maternidade e a força que sai juntamente com as palavras proferidas neste momento. A Professora Idalina, com seus 64 anos, é professora aposentada após 40 anos e 5 meses de docência. Consumou sua aposentadoria no ano de 2022, mãe de quatro filhos, dois vivos e dois já falecidos, tem seis netos e está à espera do seu primeiro bisneto.

A partir de relatos do próprio grupo, tanto sobre a infância como sobre a maternidade, não existe apenas um modelo de maternidade. Devido a acontecimentos da própria vida da mulher, ela pode se tornar mãe de distintas maneiras e inclusive escolher não gerar o filho, ou ainda, não querer ou não conseguir construir o vínculo com o bebê gerado, bem como pode escolher gerar o bebê ou adotar, e se tornar mãe construindo o vínculo tão necessário para que a criança se desenvolva de forma saudável.

Se buscarmos entender a maternidade somente a partir da mitologia de Deméter, a deusa que é conhecida pelo arquétipo maternal, chegaremos a um ponto muito frágil no qual o poder de decisão é uma barganha garantida ao masculino. Deméter, uma deusa que é capaz de fazer a Terra definhando com seu choro, não conseguiu proteger a própria filha do conluio arquitetado por deuses homens, Zeus e Hades, precisando implorar a Zeus que trouxesse a filha de volta, porém o deus só lhe deu ouvidos porque a humanidade morreria de fome caso não trouxesse Perséfone de volta do submundo.

Falar da maternidade a partir do arquétipo de Ártemis é superar o arquétipo de maternidade imposto pela sociedade de como deveria ser uma mãe. No mundo atual não quer dizer que as mulheres conectadas com este arquétipo também não irão sofrer algum tipo de violência ou irão conseguir proteger seus filhos de todo tipo de violência. Por conseguinte, caso isso aconteça elas não ficarão agindo com impotência e buscarão sua vingança por meio da justiça. A parte virginal de Ártemis em sua psique permanece intocada, pois o que torna a deusa virgem não é a ausência do ato sexual e sim a alma, que jamais será tocada.

Um arquétipo é um padrão, e cada arquétipo de deusa grega possui características reconhecíveis que se enquadram nele. Contudo uma mulher é muito mais que um

arquétipo, ou arquétipos, dominante. Ela é única, como suas digitais. Pode apresentar semelhanças com outras que tenham a princípio a mesma composição ou configuração de arquétipos, mas a família, a cultura e a época em que vive influenciarão, e muito, suas escolhas (BOLEN, 2020, p. 168).

A Professora Arminda, uma mãe urso muito protetora, fala sobre as diferenças da sua infância e a do seu filho. O quanto era mais seguro o tempo em que habitou a sua infância e o quanto precisou se trabalhar psicologicamente para permitir que seu filho pudesse aos poucos sair com os amigos:

Quando eu era criança, a única coisa que não podia era ficar na rua depois que o sol se punha. Quando o sol entrava já tinha que estar em casa, era a única regra... Nós brincávamos muito! Marcávamos um ponto de encontro e virávamos a cidade de bicicleta. Eu tive uma infância muito feliz e tive que me trabalhar muito para deixar que meu filho saísse de casa. Graças a Deus ele é muito tranquilo! Mas o mundo de hoje está diferente, a gente se preocupa com tanta coisa que acontece.

Comento com o grupo sobre uma amiga que teve o bebê e por seu corpo não estar produzindo leite suficiente para alimentar o filho contratou uma consultora de aleitamento para que lhe ajudasse a estimular o próprio corpo na produção de leite. A Professora Paula, com certo ar de indignação, disse: “*Gente! Cada mulher tem um corpo, e cada corpo reage de uma maneira diferente. Isso é natural, o amamentar é natural e pode ser que algumas mulheres não vão amamentar. O nosso corpo é assim, não existe uma regra*”.

A Professora Isabel, a mulher mais jovem do grupo, com 30 anos de idade, fala sobre a dificuldade de ser mulher e mesmo não sendo mãe compreende a maternidade a partir da relação que a sua mãe tem com ela e principalmente com a irmã.

Ser mulher é difícil. Eu sempre fui muito boazinha, até que uma tia comentou que eu era muito boazinha, que eu não dava problema... Então pensei: eu não quero ser assim. A minha mãe está sempre em volta com a minha irmã, brigam, discutem, mas quando a minha irmã precisa, minha mãe está sempre lá... Acho que ser mãe é isso, né?! Ela sente a que mais precisa. Comigo não é assim. Eu estudei, tenho minha casa. Mas compreendo a maternidade por essa relação da minha mãe com minha irmã.

Cada filho é diferente do outro, mesmo sendo filho do mesmo pai e da mesma mãe e recebendo a mesma educação. Esse é o relato de muitas mães. O questionamento que fica a partir da fala da Professora Isabel é: a mãe consegue ser a mesma mãe para filhos diferentes? As faces da maternidade tanto a partir de Ártemis como de Deméter seriam faces da mesma deusa que, não obstante, praticam o maternar de formas bem diferentes, bem como aconteceria se comparássemos a outras deusas olímpicas.

Medeia é uma deusa que representa a transição da era matrifocal⁵ para a patriarcal, e a desqualificação de características femininas que foram relativizadas aos homens. A partir do mito de Medeia podemos pensar nas mulheres que optaram por não ser mães, mesmo tendo um corpo fecundo e sendo capazes de gerar um filho. Para legitimar a livre escolha das mulheres cujo maior desejo de vida é exercer a maternidade, há que se legitimar que o oposto existe. Gerar um filho pode ser um dom nato, mas tornar-se mãe, ao estereótipo que a sociedade deseja, é uma escolha.

Medeia é um mito que apresenta um feminino que tem livre escolha, visto que coloca seus desejos e sua ânsia por acalmar a própria dor acima de tudo, mesmo sabendo o que sua atitude custaria, pois antes de ser acusada de infanticida, a própria sociedade já havia acolhido o masculino como prioridade, dando proteção ao homem que abandona não somente a ela, mas também aos próprios filhos:

No patriarcado plenamente instaurado, Medeia era a “bárbara”, a estrangeira, “nenhuma das nossas”, porque a características que compõe a sua força - o orgulho, o espírito de resistência e o poder de decisão - só atuam ainda e, quando muito, no inconsciente da mulher que a sociedade patriarcal desejou e modelou. A verdade é que a mulher ainda sente que seus direitos, sua dignidade e autoconsideração são lesados. Como, porém, interiorizou a imagem de uma criatura pálida e frágil da cultura androcêntrica, sua raiva contra essas ofensas é expressa através da depressão e pelo ódio a si mesma (RINNE, 2017, p. 14).

O espanto que causa a atitude de Medeia ainda é o mesmo quando falamos em não maternidade. A ideia de que todas as mulheres nasceram para ser mães ronda a consciência da humanidade, sendo imposta praticamente como uma obrigatoriedade, a ponto de as mulheres não serem vistas após uma certa idade a não ser pelo fato de serem mães.

Penso na constituição de Medeia, a deusa infanticida, assim como a maioria dos mitos contados a referem, não como uma mãe que matou seus próprios filhos, mas como uma mulher que escolheu a não maternidade ou, assim como Ártemis, uma mulher que busca a vingança e a justiça diante dos atravessamentos causados por quem passa em sua vida e lhe causa algum mal. O que era esperado de Medeia era que ela fosse uma mãe que não se revoltasse, que não envenenasse os próprios filhos contra o marido e a nova esposa no marido, não cobrasse o que era seu por direito, e sim que fosse a boa mãe, assumisse o seu aspecto de vítima, de impotência e de submissão ao que lhe estava sendo imposto ou, ainda, que implorasse como a própria Deméter implorou o retorno de sua filha ao pai, Zeus. Medeia faz o contrário de tudo isso, ela

⁵ Trata-se de uma cultura centrada na mãe, na qual a mulher provê o sustento e possui a autoridade, sendo a figura dispensável ou ausente.

evoca o seu poder decisão, não se torna vítima da situação, pede ajuda aos amigos e por isso ela é vista como a bárbara.

Além da maternidade, a infância é um assunto recorrente neste encontro, ligando infância/maternidade como se uma fosse extensão da outra, ou até mesmo, como se as duas coexistissem, ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Penso que este espaço de coexistência da infância/maternidade seja a memória. A infância mostrada pelas participantes da pesquisa é uma infância muito feliz, próxima da natureza e da liberdade:

Quando a gente era criança não existia diferença entre brincadeiras de menina e menino, todo mundo brincava junto. Subia na bergamoteira, comia a fruta no pé. A gente brincava muito...garrava peixe a unha na sanga, era muito bom. As crianças de hoje em dia não têm isso, é só celular, eles não sabem mais o que é brincar.

Relata a Professora Idalina ao lembrar de sua infância. A Professora Isabel tem uma percepção diferente da infância, já que habitou um espaço e um tempo muito diferente:

Onde eu vivi a minha infância era um local que abrigava muita diversidade, cada um tinha o seu jeito, tinha suas crenças, cada um tinha o seu grupo... as pessoas e respeitavam, mas havia diferenças... hoje ainda eu não gosto de pôr a mão na terra, a minha mãe não deixava que eu fizesse isso, tenho tique nervoso até hoje.

Não há como discorrer se alguma das infâncias tem mais importância que a outra. Certamente uma mulher com uma regência do arquétipo de Ártemis optaria pela infância da Professora Idalina pela proximidade que o arquétipo tem com a natureza e com a liberdade de ser quem é, segundo a abordagem de Woolger e Woolger (2007). Para os autores, o arquétipo de Atena será provocado a escolher a infância relatada pela Professora Isabel. Não há como dizer se o arquétipo se conecta ao modo de vida ou o modo de vida se conecta ao arquétipo, ou ainda, se as duas coisas são atreladas uma à outra, como codependentes. É claro que em um espaço muito conservador o surgimento de uma mulher conectada a Ártemis pode provocar um certo deslocamento da mesma e estranhamento das outras pessoas.

Ártemis é um arquétipo que me permitiu pensar desde aspectos da infância até a maternidade. As recordações de uma infância muito próxima à natureza, onde se corria frouxo nos campos, mas sempre lembrando de um certo horário de voltar para casa. O ponto demarcado para o encontro com os amigos, as andanças de bicicleta pelas ruas e comer bergamota embaixo do pé. Um tempo onde não havia diferença entre brincadeiras de meninos e meninas. Um tempo em que os avós levavam para a igreja, e por frequentar igrejas distintas, foi possível compreender que Deus era o mesmo. Há também aquela que por ser mais jovem que a maioria habitou um tempo e um espaço diferente, pois nas ruas onde morava habitava a diversidade

percebida pelos grupos distintos da própria comunidade, onde cada qual procurava seus semelhantes.

8.2 Afrodite e a beleza de tudo aquilo que toca

Afrodite, deusa da beleza, do amor e da força erótica que nos impulsiona para a vida. A narrativa da deusa do amor conta que, seu pai, Ouranos, com medo de ser deposto por um de seus filhos, engolia todos aqueles que Gaia dava à luz. A deusa revoltada com a situação armou juntamente o seu filho Cronos para que este depusesse o pai. Cronos decepou o membro fálico de Ouranos e o lançou ao mar. Da espuma que se fez ao redor do membro decepado de Ouranos, nasceu a deusa Afrodite, a deusa do amor e da beleza. Junto com ela nasceram seus dois filhos: Eros, deus do amor, e Himeros, o deus do desejo (WOOLGER; WOOLGER, 2007).

Afrodite é a deusa cultuada pela moda, pela sedução e sensualidade, sendo muitas vezes cultivada apenas por seu aspecto inferior. A sociedade esqueceu a sacralidade dos dons exercidos por Afrodite, tratando a beleza e o ato sexual como algo banal ou menos importante que as características pertencentes a outras deusas como Hera, Deméter ou Atena. Além disso, há uma redução desta deusa a prazeres mundanos, como se os prazeres do mundo não nos levassem também à conexão e à transcendência espiritual. Woolger e Woolger (2007) retratam as características de Afrodite na sociedade atual, que ao mesmo tempo que são banalizadas por alguns, são desejadas por outros, e ainda há aqueles que a execram como a degradação do nosso tempo:

Diariamente, as novelas de televisão, os romances edulcorados vendidos em banca de jornal e os traficantes de escândalos políticos revivem as suas histórias imemoriais e paixões secretas, ciúmes, inveja e traição. Os sexólogos da nação computam seus múltiplos orgasmos e mapeiam os recônditos mais arcanos da sua autonomia íntima. Os evangelistas da TV execram seus excessos. As revistas de moda têm uma queda por ela, enquanto as revistas masculinas glorificam a sua nudez. Pornógrafos e cafetões exploram-na inescrupulosamente (WOOLGER; WOOLGER, 2007, p. 111).

Para estes autores, os gregos ainda conservavam a sacralidade da sexualidade, entendendo que o desespero pelos encantos da deusa como um bem a ser explorado é algo do capitalismo e da sociedade atual.

Afrodite em seu lado materno negativo ou vingativo também está ligada ao processo de individuação feminino, como é trazido por Neumann (2017), na sua abordagem, a partir do mito de Eros e Psiquê, no qual a deusa provoca a psique a alcançar seu desenvolvimento, oferecendo-lhe tarefas. Ao mesmo tempo em que essas tarefas são desafiadoras, elas são necessárias ao desenvolvimento da jovem Psiquê.

A complementaridade feminino/masculino marca presença desde o início dos encontros, assim como no mito de Eros e Psiquê. A Professora Idalina fica intrigada com os filhos e companheiros de Afrodite, Eros e Himeros, por serem dois homens e relembra a necessidade de a mulher ter um homem ao lado para ser validada na sociedade atual. A partir disso, ela questiona: “*Afrodite fala das várias formas de amar ou somente do amor conjugal?*”. Sobre esta fala, a Professora Isabel explica:

Eu tinha uma visão da Afrodite diferente. Pensava na Afrodite como um símbolo da vaidade, da aparência, em estar arrumada, unha feita, cabelo..., mas a partir do último encontro comecei a ter uma visão diferente. Afrodite é amor em tudo o que coloca a mão, torna o local iluminado. A analogia é como o andar de Afrodite, por onde ela passa as pessoas mudam. Tudo que ela coloca a mão, deixa marcas. Por onde passou, ela deixou marcas.

A Professora Isabel traz para a conversa a Afrodite que é sagrada, que é dona de uma força erótica, que atrai não somente pela beleza física ou vaidade, mas também pela força impulsionadora da vida, a força do amor. Afrodite também pode ser dotada de enigmas que nos forcem a seguir o nosso próprio caminho no processo de individuação. Ela nos proporciona tarefas para que encontremos a nós mesmas. Mesmo não sendo uma deusa andrógina⁶, como suas irmãs Atena e Ártemis, ela auxilia as mulheres no encontro do masculino arquetípico, do amor (NEUMANN, 2017), partindo ou não do relacionamento com o masculino exterior. As mulheres não precisam dos homens para sobreviver, porém o masculino arquetípico integrado na psique feminina faz parte do processo de individuação feminino, como aspectos complementares, assim como a noite e o dia, a vida e a morte, a luz e a escuridão.

A oposição entre esses dois arquétipos aparece na maioria das falas das integrantes, fortalecendo o argumento de que a existência de um só é possível diante da existência do outro. Para Neumann (2017), “uma dificuldade essencial da psicologia feminina está em que o feminino precisa desenvolver-se para o masculino e sobre o masculino, o que representa uma luta do inconsciente contra o consciente” (p. 61). A Professora Idalina se incomoda com o machismo na sociedade, mas o enfrenta ainda como se estivesse na sociedade matriarcal, negando ao masculino a beleza da integração com o feminino. Diz ela: “*a sociedade é muito machista... A sociedade vê o feminino como frágil, que não consegue sobreviver sem o masculino do lado. O masculino é para procriar*”.

Honrar e aceitar o feminino não dispensa a existência do masculino, porém permite que o vivamos com igualdade de direitos em uma sociedade que não seja nem matriarcal, nem

⁶ Que trazem elementos arquetípicos femininos e masculinos, não necessitando do sexo oposto para sua complementação.

patriarcal, mas igualitária na sua forma de viver tanto para as mulheres, como para os homens. Negar a necessidade da complementaridade, muito viva nos mitos, é negar o nosso processo de crescimento e de seguir na jornada do herói ou da heroína. Muitas vezes, as mulheres passam por grandes desafios durante sua trajetória, como abandono, abusos, violências, cometidas por homens. Essas situações podem iniciar desde a tenra idade, o que as faz desconfiarem de cada homem que passa em seu caminho, acreditando que a única forma de se desenvolver é tomando distância do masculino. Assim ela desconhece que o masculino arquetípico também é parte do seu ser, e a união desses dois pólos internos é muito importante para enfrentar as tarefas que a Afrodite nos desafiará a enfrentar em nossa jornada.

Neumann (2017) traz, em sua analogia do mito Eros e Psiquê, a necessidade de a psique feminina trazer para seu domínio características do masculino, e isso só é possível por meio do processo de individuação. Cada tarefa dada a Psiquê é um degrau que ela sobe rumo ao encontro consigo mesma e com o amor. A Professora Eugênia fala sobre o diagnóstico do câncer de mama e que mesmo diante da dificuldade e da incerteza de como seria o enfrentamento é preciso tomar uma decisão: *“diante de um diagnóstico deste tu só tem duas opções. Ou tu levanta da cama ou fica ali definhando, aí qual tu vai escolher? Depende somente de ti”*.

O câncer de mama enfrentado pela Professora Eugênia, bem como pela Professora Ana Carolina, são tarefas que cada uma teve que enfrentar para o seu processo de individuação. Não há como mensurar se existem tarefas mais fáceis ou mais difíceis, mas cada indivíduo recebe a tarefa que necessita para alcançar seu desenvolvimento. Também encontramos nestas professoras o poder de decisão de Medeia (RINNE, 2017). A escolha de seguir, de enfrentar a batalha do herói, de levantar e ir para a luta é pessoal e intransferível. Psiquê não tinha nenhuma certeza de que conseguiria executar as tarefas, muitas vezes ela seguiu sendo auxiliada apenas por seus instintos que nunca a abandonaram.

A Professora Eugênia fala sobre a possibilidade de os arquétipos terem o poder da regência sobre nosso inconsciente, pois, para ela, os mitos foram escritos por seres humanos de cada época e por isso não fariam tanto sentido: *“os mitos são histórias criadas por seres humanos, será que esses deuses fazem sentido? Há a possibilidade da nossa vida estar sendo regida por essas figuras arquetípicas?”*. A Professora Paula entende que o mundo passou e passa por uma evolução, para ela os arquétipos se modificam, dependendo da cultura e do tempo em que habitam: *“o feminino é diferente para cada um. A concepção de feminino é diferente*

para cada cultura. Por exemplo, o meu feminino agora está no meio das panelas, das crianças, no encontro. No meio disto tudo é possível sentir?”.

Considerando a fala das professoras sobre a existência dos arquétipos, recorro a Campbell (2000), pois, para o autor, para entrar em contato com os arquétipos é necessário combater as nossas crenças idealizadas da nossa cultura que trazemos do mundo infantil e que preenchem nosso inconsciente na vida adulta:

A primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradica-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que C.G. Jung denominou de imagens arquetípicas. [...]

Os arquétipos a serem descobertos e assimilados são precisamente aqueles que inspiraram, nos anais da cultura humana, as imagens básicas dos rituais, da mitologia e das visões. Esses “seres eternos do sonho” não devem ser confundidos com as figuras simbólicas, modificadas individualmente, que surgem num pesadelo ou na insanidade mental do indivíduo ainda atormentado. **O sonho é o mito personalizado e o mito é sonho despersonalizado**; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique. Mas, nos sonhos, as formas são distorcidas pelos problemas particulares do sonhador, ao passo que, os problemas e soluções apresentados são válidos diretamente para toda a humanidade. (CAMPBELL, 2000, p. 27 e 28, grifo meu).

Dizer que as mitologias são apenas histórias escritas por seres humanos é retirar o poder de individuação da psique humana. É entender que o caminho a ser seguido para toda humanidade é o mesmo. É também tirar a validação de todas as culturas que não são ocidentais e tratá-las com menor valor, como estamos fazendo há anos. Embarcar na mitologia seja ela das deusas gregas ou de qualquer outra cultura além da nossa abre espaço não somente para conhecer a cultura do outro, entretanto para o conhecimento de nós mesmos, principalmente quando falamos de mulheres.

O arquétipo de feminino que é aceito por meio do cristianismo ainda é único. Maria, mãe de Jesus, é uma mulher que foi mãe casta e que obedeceu às ordens do senhor seu deus. À Maria nunca foi concedido o lugar de deusa, mas sim de uma mulher santa, obediente a seu deus, que era um homem. A narrativa de Maria nos conta que o poder é algo permitido aos homens, não às mulheres. Já Eva ouviu a serpente (um símbolo de passagem, transformação e da consciência) e se tornou aos olhos dos cristãos uma mulher não confiável, pois desobedeceu a Deus, portanto Eva não é um arquétipo de feminino aceitável para que seja um exemplo para as mulheres.

Todavia, o lado espiritual representado por Maria é muito importante para nossa sociedade, porque, assim como Ártemis, ela é uma “deusa” virginal. Entendo que, assim como

a deusa de espírito livre, Maria possui algo intocado pelos homens: o seu lado espiritual, suas crenças e seus valores. Para compreender Maria, para além do cristianismo, é necessário encontrar as narrativas de outras deusas que vieram milênios antes da história de Maria ser escrita, e que o ser virgem, não literalmente tem a ver com o ato sexual, com o corpo, porém está ligado à alma, a algo que faz parte da psique e que pode ser encontrado em qualquer mulher.

O lado espiritual de Maria representa a transcendência da psique da mulher que ainda é humana, assim como o desenvolvimento de Psiquê. O que provoca Psiquê a ir em busca do seu desenvolvimento é o enfrentamento com a deusa Afrodite na esperança que essa lhe ajudasse a encontrar Eros. No caso de Maria, o desenvolvimento se dá a partir da submissão às ordens de seu deus. Psiquê e Maria são narrativas que chegam ao mesmo fim por meios contrários. Psiquê desafia Afrodite, a partir deste ato de coragem de não obedecer aos desejos da deusa segue o caminho para se tornar numinosa. Já Maria aceita a vontade do seu deus, sem resignar-se, assim também se torna divina. O fim dessas narrativas é o mesmo, o que muda são os meios que cada uma utiliza para chegar ao fim.

Diante disso podemos entender que não somente os deuses antigos, mas também os deuses da atualidade regem ou guiam o nosso comportamento. Quanto maior o número de pessoas conectadas ao mesmo arquétipo, mais força esse arquétipo possui em determinado grupo de pessoas ou cultura, tanto para seu lado numinoso, como para o lado sombra.

O arquétipo que temos de referência para seguir como modelo, seja ele algum deus, deusa, Jesus, Maria, Psiquê, pai, mãe, independente da cultura, tem o lado negativo e o lado positivo, assim como todas as deidades possuem. Mesmo que os cristãos tenham tentado construir a imagem de Deus como a imagem de amor, quando Deus sente raiva ainda assim é porque nos ama. Há muitas implicações em negar que Deus também sente as emoções negativas, assim como nós humanos, e se o ser humano foi criado segundo a imagem e semelhança de Deus, como diz a Bíblia, como Deus não sente emoções negadas? Sentir as emoções negadas - medo, raiva, ódio - faz parte dos opostos complementares às emoções positivas que encontramos em narrativas mitológicas datadas de milênios anteriores a Cristo.

Nas narrativas de Afrodite encontramos a deusa do amor, porém também encontramos uma deusa muito vingativa quando alguma coisa a desagrade. Além de todas as características já citadas sobre a deusa Afrodite, poderíamos dar o símbolo de acolhimento à deusa? Questiono as mulheres integrantes da pesquisa sobre o que é o feminino e as percepções que elas sentiram.

É nítido o desconforto de algumas por falarmos do feminino ou até mesmo por terem uma imagem distorcida do que representa o arquétipo de Afrodite. A Professora Isabel entende que:

Ser mulher é difícil. Às vezes a gente vê mulheres defendendo uma causa, mas aí também vemos a mesma figura feminina se aliando ao masculino para alçar voo. Sobre as nossas conversas, não adianta, só quem é mulher consegue acolher...a gente só quer ser acolhida, discutir estas questões, tempo para falar sobre isso... eu não sou mãe, mas consigo me sensibilizar com os relatos de mães.

A Professora Eugênia fala: “*não consigo mensurar o que é ser mulher, acho que o primeiro passo é não depender financeiramente.*” Já para a Professora Iria, ser mulher é “*símbolo de resistência, força e principalmente de amor. Dentro da sala de aula, abraça tudo, faz de tudo, tu acolhe, tu não vai lá só para dar aula.*” A Professora Paula entende que ser mulher é “*ser único, não necessita colocar o masculino do lado para se definir como feminino.*” Para a Professora Idalina, “*as mulheres ainda são minimizadas, ainda não temos nosso espaço.*”

A relação que estas mulheres fazem com o arquétipo do feminino define que, assim como Jung (2014) afirma, o arquétipo é uma forma vazia, o que cada um vai por dentro depende de suas vivências. O núcleo central de Afrodite é o amor, a beleza; por conseguinte, cada grupo de mulheres ou cada mulher vai preencher esta forma segundo sua história de vida e sua ancestralidade. O conhecimento estereotipado de um arquétipo não permite que conheçamos todas as nuances que esta força arquetípica pode revelar. Temos a dificuldade do ser mulher; o entendimento de que uma mulher só se encontra em outra mulher, mesmo com histórias diferentes; a independência financeira (a dependência financeira é o que mais dificulta que as mulheres saiam de relações abusivas); o acolhimento que só a professora consegue oferecer em sala em de aula, pois nunca é só dar aula; e a não definição por ter o masculino ao lado. O feminino continua sendo o feminino mesmo sem a presença do masculino e mesmo diante disso tudo, e ainda a fala da Professora Idalina, que as mulheres ainda não têm o seu espaço, diante da minimização que a sociedade patriarcal as impõe.

As mulheres relacionam estas coisas ao arquétipo do feminino. Muitas mulheres acreditam que este arquétipo e a feminilidade são a mesma coisa e Afrodite, por ser uma deusa relacionada, é vista em seu aspecto inferior, somente a feminilidade superficial e não a feminilidade sagrada, tornando o feminino raso perante a construção da sociedade patriarcal e não dando ênfase à profundidade que existe na psique feminina conectada a este arquétipo, para além daquilo que é visto e que acreditamos. A troca entre mulheres com perfis diferentes é fundamental, assim há possibilidade de encontrar faces distintas do feminino numa mesma

mulher, o que pode agregar ao crescimento dela mesma e das mulheres com quem convive. Em um grupo de mulheres reunidas, seguramente se encontrará um assunto ou uma vivência que poderá ser partilhada, mesmo que estas mulheres pertençam a culturas, grupos ou possuam histórias de vida totalmente diferentes.

A Professora Eugênia se questiona sobre o que seria o feminino, pois nunca havia parado para refletir acerca do que esse arquétipo significa para si mesma. Tendo uma vida atarefada, assim como relata a Professora Paula, no momento do encontro também se encontra realizando outras tarefas que pedem sua atenção depois de um dia de trabalho:

*O feminino
Para cada pessoa tem um significado diferente:
Seria estar magra?
Cabelos longos ou curtos?
Ser delicada? Ou uma personalidade de sucesso?
Seria ser mãe?
Estar vestida com roupas que “cobrem mais” ou que “cobrem menos”?
Será que para uma pessoa trans o conceito de feminino é diferente?
Não sei...
Talvez as questões relacionadas por mim estejam bastante ligadas à aparência, isto se deve ao momento que estou enfrentando, meu novo corpo, meu novo feminino.
Viver o tratamento do câncer de mama, é mudanças no corpo a cada momento e para mim tiveram muito peso, pois refletia na saúde mental e isso também era cura.*

Na escrita da Professora Eugênia aparece a relação da Afrodite/corpo como processo de cura. O corpo, como um feminino nascente, que para muitos indivíduos é apenas uma referência de vaidade e beleza estética, para esta professora assume um papel interior muito importante: a possibilidade de cura a partir do novo feminino. As mudanças do corpo, não dissociado da psique, reflete a cura do físico e da mente. A cura do feminino só é possível mediante a cura da psique integrada ao corpo. Nota-se aqui os dois tipos de pensamento abordados por Boechat (2014):

O pensamento linear, racional ou adaptativo, típico da consciência, que visaria a adaptação à realidade externa, e um outro pensamento circular, mitológico, próprio do inconsciente, à linguagem dos sonhos e da fantasia. Os símbolos do processo de individuação estariam brotando pela síntese dos dois tipos de pensamento de sua elaboração criativa (p. 51).

O *novo corpo* da Professora Eugênia está relacionado ao pensamento linear que visa a adaptação ao ambiente externo, um meio de compreensão dos acontecimentos de forma consciente. Por conseguinte, o *novo feminino* está relacionado ao pensamento mitológico, que é fruto do inconsciente e “é espontâneo, original e se situa totalmente fora do controle da consciência, daí sua originalidade” (BOECHAT, 2014, p. 52). Recorrendo à fenomenologia de Bachelard (1993), o pensamento mitológico é uma imagem que acontece anteriormente ao

pensamento, já que o indivíduo imaginante não consegue entender a causa da imagem produzida.

Ao nível da imagem poética, a dualidade do sujeito e do objeto é irisada, reverberante, incessante ativa em suas inversões. Nesse âmbito da criação da imagem poética pelo poeta, a fenomenologia é, se assim podemos dizer, uma fenomenologia microscópica. Por isso essa fenomenologia tem probabilidades de ser estritamente elementar. Nessa união, pela imagem, de uma subjetividade pura mas efêmera com uma realidade que não chega necessariamente à sua completa constituição, o fenomenólogo encontra um campo de inumeráveis experiências; beneficia-se de observações que podem ser precisas porque são simples, porque “não tem inconvenientes”, como é o caso dos pensamentos científicos, que são pensamentos interligados. Em sua simplicidade, a imagem não tem necessidade de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão é uma linguagem de criança. Para bem especificar o que pode ser uma fenomenologia da imagem, para especificar que a imagem vem *antes* do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é, mais que uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma” (BACHELARD, 1993, p. 4).

8.3 A feminilidade e a morte

A deusa Coré/Perséfone é representada pelo arquétipo da deusa donzela e da deusa do submundo. Coré nos leva aos raptos pela distração, entretanto a força de Perséfone nos permite passar pelo mundo escuro e sairmos de lá um tanto mais fortes do que estávamos quando fomos raptados(as). Adentrar o mundo de Perséfone nos leva a encarar tarefas difíceis, pois quando adentramos este espaço vimos coisas que não gostaríamos de ver. Tratando-se da *anima*, os arquétipos que representam o feminino arquetípico nunca andam sós - o submundo de Perséfone pode vir acompanhado da beleza e do amor de Afrodite.

A deusa Afrodite, como já escrevi anteriormente, está relacionada ao mundo da beleza e dos prazeres sagrados, mas penso na força da união entre estes dois arquétipos: Afrodite e Perséfone. Não é possível falar da dor apenas falando em sofrimento - é preciso encontrar beleza na dor. A feminilidade sendo um aspecto importante da *anima*, como afirma Hillman (2020), representa a beleza mesmo diante de tarefas tão profundas e intensas provocadas pela vida.

No terceiro encontro falamos sobre as dores do feminino, a necessidade de lavar as roupas sujas, e no quarto encontro nos deslocamos a moldar o próprio feminino com argila. Não obstante, a representação do feminino que seguiu a dor foram elementos relacionados à feminilidade, à beleza do ser mulher. A dor e a feminilidade são elementos ao mesmo tempo que se contrapõem, se equilibram, como se fossem pontos opostos da mesma balança.

A Professora Iria entende a respeito da sensibilidade: “*o amadurecimento vem com o tempo. É bom a gente desabafar, chorar. O que eu mais faço é chorar. Eu descarrego no banho, nas minhas orações*” e apresenta como o símbolo que representa o seu feminino o batom, pois

para ela “*o batom está relacionado à autoestima. Hoje eu fui para a escola de batom, então peguei o batom como símbolo. O batom dá um certo poder à mulher*”. O choro no banho contrapõe aquilo que não demonstra fora de casa, pois o batom representa o poder, a força, a autoestima.

Quando o mundo vê a Professora Iria, a vê poderosa e não saberá das lágrimas que rolaram dos seus olhos enquanto limpava, desta vez não as roupas, mas o próprio corpo e a alma. Quanto significado tem o batom que pinta os lábios, mas no significado da alma, enche o coração desta mulher de poder e força para enfrentar o mundo profissional. Esta mulher entra no próprio submundo, se preenche do arquétipo de Perséfone, enquanto se lava com a água do chuveiro e das próprias lágrimas. Todavia, no momento em que vai para o mundo, conecta-se ao arquétipo de Afrodite, da beleza. Não posso dizer se em algum momento o submundo e a beleza se encontram na psique desta mulher, mas a sensação que eu tenho é de fragmentação, de separação, não sendo possível dois aspectos opostos se intercalarem como *animus* e *anima* na visão de Bachelard (1993).

O submundo é um lugar no qual nos recusamos a entrar, visto que na maioria das vezes o ser humano acredita que o inferno é algo alheio, um lugar para onde possa ir, esquecendo-se de olhar para o inferno que o habita, pois na mesma intensidade que cada indivíduo é habitado pela luz e pela vida, é habitado pela sombra e pela morte. Mesmo Afrodite, a deusa do amor, reconhece a importância do enfrentamento à deusa do submundo para o processo de individuação, como aparece na quarta tarefa do mito Eros e Psiquê (NEUMANN, 2017), cuja jovem foi “obrigada” a visitar o mundo de Perséfone e buscar uma caixinha da beleza imortal para a Afrodite. Provavelmente a encomenda não era tão importante como a capacidade de uma psique mortal entrar no submundo, sair dele com vida e ainda com a capacidade de reivindicar a numinosidade dos deuses para si própria.

A Professora Ana Carolina relata que deixou de chorar, e para ela isso acontece devido a tudo o que já viveu: “*A gente já sofreu, já passamos por tanta coisa difícil, acaba se tornando ‘casca-dura’. Eu não consigo chorar, muitas vezes não consigo. Com o tempo vamos aprendendo a lidar com isso*”. O símbolo moldado por esta Professora é uma santa: “*eu fiz a santinha que eu adoro. Maria não teve relações com José e engravidou. Toda vez que fala em feminino eu lembro de Maria, que vem desde aquela época, mostra que temos que batalhar para ser forte. A questão do peito, esse aqui eu comprei, é meu*”. Para esta Professora, ela se

tornou forte a partir do momento que deixou de chorar, a exemplo de Maria que aceitou suas dores.

A Professora Ana Carolina enfrentou um câncer de mama e traz, além da Virgem, a retirada do seio e a implantação de uma prótese, e o quanto isso impacta na relação com o corpo e na feminilidade das mulheres. Ela ainda relata: *“eu fiquei lembrando de todas as vezes que eu me olhava no espelho, carequinha... até que um amigo me falou: tu parece um camaleão, tu está sempre te transformando! Mas ainda falta um pedaço de mim, não é só o cabelo, é o psicológico”*. O feminino esperado pela sociedade aparece na fala desta mulher: ao mesmo tempo que a sociedade prega a busca pela feminilidade, espera-se que a mulher não sinta quando este ideal foi afetado e aja como a Virgem, com resignação. A perda do cabelo e do seio fez com que essa mulher reconstruísse seu ideal de feminino, obviamente com muita força, mas isso não a impediu, bem como jamais impedirá as mulheres de sentirem essas perdas. Esta mulher recorre à Virgem quando perde um pedaço da sua feminilidade, pois Maria contrapõe a feminilidade ao representar o lado espiritual, a santa que cobre o corpo. Neste caso, acolhe e conforta a dor da perda desta mulher.

A transformação após uma tarefa destas é inevitável. Por mais que o cabelo cresça, e atualmente temos a implantação da prótese mamária, é impossível diante de tais perdas as mulheres continuarem as mesmas. Os processos vividos fazem parte do processo de individuação de cada uma delas. Cada uma busca enfrentá-los à sua maneira. A consequência desses acontecimentos, além das feridas cicatrizadas ou em processo de cicatrização, é a transformação e a força que somente tarefas difíceis como essas são capazes de alcançar. O encontro do novo, da capacidade de seguir a vida sem lamentações, mesmo que conscientes do quão grandes foram suas perdas, certifica que as mulheres enfrentam suas dores, cada uma à sua maneira. Por mais que seja possível encontrar relações nas histórias das Professoras, todas elas se tornam, a partir do enfrentamento da sua tarefa, pessoas únicas, que não buscam comparações, mas que trazem a sua própria forma de autocuidado como forma de valorização das tarefas que já foram concluídas.

Visitar Perséfone é conversar com a morte, podendo a morte em alguns casos aparecer de forma literal, embora a morte representada por Perséfone seja simbólica. É a morte que alimenta o ciclo da vida, como a continuação e ao mesmo tempo um processo necessário para o renascimento, para o novo, para a transformação. Raramente nos encontraremos com Perséfone por nossa própria vontade e escolha, na maioria das vezes uma força maior nos

apresentará situações sobre as quais não temos controle e que nos levará ao reconhecimento e enfrentamento das nossas próprias sombras internas e das nossas fraquezas.

Psiquê e Coré são exemplos clássicos de mitos que lembram o rapto, ou seja, a forma como os eventos vão acontecendo e as duas donzelas são conduzidas pela obrigatoriedade do abandono da proteção da mãe ou da família, ou também podem ser chamados de mitos de transição, que apresentam a troca de fase da donzela para a vida adulta da psique feminina.

Conta o mito Coré/Perséfone, por meio das palavras de Robles (2019), que Coré é raptada enquanto conversa com outras donzelas e está distante da mãe, a deusa Deméter. A jovem donzela, ainda não iniciada, não percebe o risco que corre ao brincar distraída com as jovens de sua idade, enquanto é vigiada por Hades, o deus do submundo. Hades, ao observar a jovem, apaixonou-se perdidamente e procura Zeus para que permita desposá-la. Zeus não nega, para não contrariar o deus da morte, porém também não diz que sim, com medo de despertar a fúria de Deméter. Assim Coré é raptada, com o pacto de que Hades poderá desposá-la caso ela coma do alimento do submundo.

Quando Deméter se dá conta da ausência da filha, procura-a por nove dias e nove noites, sem cessar, por todos os cantos, mas ninguém viu ou ouviu qualquer coisa. Hécate é a única que sussurra no ouvido de Deméter sobre o paradeiro de sua filha. Desapontada e furiosa, Deméter, a deusa da maternidade, da agricultura e da fecundidade, lançou sobre a Terra sua ira e os campos secaram. Os seres humanos começaram a passar fome e implorar clemência aos deuses. Zeus então propõe a Hades que deixe Coré voltar para junto de sua mãe. No entanto, já é tarde, pois a jovem já havia provado do alimento do mundo dos mortos, as sementes da romã. Ao comer as sementes da romã, Coré não somente se transforma em Perséfone, a rainha do submundo, como também se apaixonou por Hades. Então Zeus propõe um trato, que Perséfone fique no submundo o equivalente ao número de sementes que comeu, assim foi combinado entre Zeus, Hades e Deméter. Perséfone ficaria três meses no submundo, quando os campos secariam, o frio assolaria a Terra e a agricultura ficaria impossibilitada, porém, quando os campos florescessem e a Terra desse frutos, ela voltaria para junto da mãe.

A Professora Arminda traz como símbolo de feminilidade um seio:

Eu passava as férias na casa dos meus tios em Canoas e tinha cartazes de mulheres e tinha um peito que me chamou a atenção e eu queria pra mim. Pra mim, o peito de uma mulher é muito feminino, tanto é que as mulheres que têm câncer de mama são bastante afetadas... pra mim é o que é o feminino. Eu nunca liguei o peito à amamentação, até porque, pra mim, não é a melhor coisa do mundo, é um sentimento que eu tive e não posso negar. Acho que é a maneira de ser, de se comportar...

Nesta mulher reverbera o sentimento das outras duas mulheres e da importância da relação com os seios e da saúde para a feminilidade, a capacidade dos seios de nutrirem o próprio feminino e a feminilidade. Os mesmos seios que adoecidos podem provocar a morte de tantas mulheres, podem também alimentar a vida, o feminino. A beleza dos seios e a saúde das mamas interferem diretamente na relação com a vaidade, com o feminino e com a feminilidade.

Relata a Professora Eugênia:

Não bastasse toda a preocupação, o medo, a insegurança, que o diagnóstico do câncer provoca, depois que tu começa as transformações são rápidas, são muito intensas...a questão da quimioterapia altera muito o físico, o visual, não é só o cabelo...a primeira coisa que se fala em quimioterapia, se fala em cabelo, mas são muitas coisas...é inchaço, as unhas ficam muito fracas, a pele...a primeira vez eu tive umas feridinhas no rosto, os cílios caem, enfim, mais a questão do cabelo. Ter que acordar de manhã com dor e ainda ter que se olhar no espelho e ainda não gostar do que estava vendo, sabe? Isso era muito difícil. E, ao contrário do que se diz, estética não é importante, mas isso interfere...a vaidade interfere no meu humor, na minha saúde emocional. Pra mim isso faz parte da cura. Acho que eu lidei com isso de forma bem positiva. Tive dias ruins, mas foram em menor quantidade do que os que eu consegui deixar em segundo plano. Eu sempre tentei, eu pensava: estou sem cílios e agora, estou sem cabelo, como vou melhorar isso... sempre busquei soluções, não me apeguei: "Ah! É isso que eu tenho, eu tenho que me conformar!" Antes de começar o tratamento eu já procurava soluções, sempre tentei fazer as coisas por mim... eu já fui mais chorona. Eu não tenho hábito de meditação. O que me renova é dormir, me curtir sozinha, tomar um café fora. O chorar para mim é consequência de um sentimento. Não sou mais tão sensível. O diagnóstico do câncer de mama é como se tirasse o teu chão. Principalmente quando se tem filho, mas certamente a perda de um filho é uma dor muito maior.

A Professora Eugênia traz suas formas de autocuidado para se sentir melhor quando é necessário, e como o diagnóstico do câncer de mama a fez olhar para a vida de uma outra forma. O submundo desta Professora é encontrado neste diagnóstico. Outro elemento importante que aparece no relato das Professoras Eugênia e Idalina (a seguir) é a separação entre mãe e filho, seja pela morte do filho ou pelo diagnóstico da doença dado à mãe. O medo da Professora Eugênia não está relacionado a sua própria morte e por conseguinte a separação e o abandono ao filho caso não houvesse a superação da doença. A cura ganha um outro valor mediante a motivação da não separação do filho. Quando Deméter se dá conta da ausência da filha, seu choro dura nove dias e nove noites, no décimo a terra começa a secar. O processo do luto vivido na perda dos filhos ou no diagnóstico de uma doença fazem parte da descida ao mundo escuro. É um processo que transformou essas Professoras e transformará qualquer pessoa que decida, assim como Psiquê e Coré, aceitar essa tarefa e não ficar “definindo”, como relata a Professora Eugênia.

É interessante observar que nos relatos dessas Professoras, Coré/Perséfone e Deméter não são tidas como deusas separadas, no entanto aparecem como faces diferentes de uma mesma

deusa que conversam entre si. Ao mesmo tempo que é mãe, é a donzela raptada e também a mulher que enfrenta e se transforma a partir das suas sombras, bem como acontece com Perséfone e Afrodite (faces de uma mesma deusa). Todos esses arquétipos se entrelaçam na mesma história do rapto, do luto e da transformação.

A Professora Idalina diz: “*eu não guardo as coisas pra mim, eu joga tudo no ventilador e doa a quem doer, e sobre mudar, eu não quero mudar!*”. Esta professora já passou por algumas provações na vida, neste encontro ela relata superficialmente a perda de dois filhos quando uma das outras integrantes recorre a ela: “*é uma ferida, e feridas cicatrizam. No início foi bem difícil, tive problema com bebida, mas depois que eu fiz terapia me ajudou. É uma ferida cicatrizada.*” O enfrentamento com a morte da Professora Idalina a permitiu enfrentar as situações de uma forma a que elas se referem como “casca-dura”, ou seja, uma pessoa que, devido ao enfrentamento das tarefas de seu próprio processo de individuação se tornou mais forte, menos sensível do que era.

A Professora Idalina relata:

Eu não sei o que é chorar... eu não lembro o que quer dizer chorar... cansei de chorar sozinha, eu sempre sacudo a poeira e vou de novo. Aprendi a jogar fora tudo o que não me cabe mais, não dá para carregar uma carga muito pesada. Aliviar, arrumar a cabeça é muito importante. Também aprendi que a gente pode emprestar o ombro, mas não pode obrigar a chorar, é preciso respeitar o colega.

Esta professora relata como ela faz o seu próprio autocuidado, aliviando tudo o que não acrescenta. Depois de tantas provações, tantas dificuldades, julgamentos, aprendeu a não carregar coisas que não pertencem a ela. Tornou-se menos chorona por aprender a cuidar da própria dor e dos próprios sentimentos sozinha e com amor, por conseguinte não menos sensível, pois ainda tem um grande apreço e uma forte disponibilidade a ouvir o sentimento dos outros. A descida de Perséfone ao submundo provoca este tipo de situação. Por estar distante da mãe, a donzela Coré se defronta com situações que precisa resolver sozinha. Houve choro e desespero da donzela Coré? Provavelmente sim! É impossível enfrentar o mundo da morte sem sentir dor, porém quando há retorno para o mundo da vida, a força adquirida é capaz de uma grande transformação.

8.4 Feminino e a manutenção do patriarcado

Atena é uma deusa que se constituiu como a deusa da civilização e do conhecimento. Há quem diga que esta é uma deusa masculina, ou nas palavras de Jung (2016), dominada pelo *animus*. Como afirmam autoras como Rinne (2017) e Schapira (2018), Atena não é filha do

patriarcado, no entanto já compunha uma das faces da Grande Deusa, que foi multifacetada pela cultura patriarcal. Rinne (2017) identifica Atena na narrativa de Medeia, pois ela foi a deusa que auxiliou argonautas na construção do navio. A ligação de Atena à civilização e ao conhecimento, tão ligados ao masculino na sociedade atual, talvez não sejam tão masculinos assim.

Atena sofre uma transformação da era matriarcal para era patriarcal. Cassandra já sofre o atentado de violação dentro do templo de Atena (SCHAPIRA, 2018), bem como Medusa é violentada por Poseidon dentro do templo da mesma deusa, que por sua vez, pune a jovem pela violência sofrida pelo deus (HAYNES, 2023). A deusa, que é uma face da Grande Deusa, foi transformada na deusa que pune as mulheres pelas violências sofridas pelo masculino.

Hera segue o mesmo caminho de Atena: a sacralidade do poder da mulher, a esposa ciumenta, exposta a todo o tipo de traição e humilhação social que Zeus lhe imputava, e a perseguição às amantes e à prole bastarda do deus. Hera, mesmo sendo uma deusa, nunca conseguiu proteger nem a si mesma das traições do marido, bem como Atena, que mesmo sendo um ser numinoso, voltava-se contra as mulheres pelos ataques sofridos pelos deuses. Pode-se dizer que, mesmo a cultura grega abrindo espaço às deusas mulheres, elas não tinham o mesmo poder que era dado a um deus, ou a autoestima das mulheres já havia sido afetada pela fragmentação e decadência da Grande Deusa. Pensando por esta perspectiva, é provável que Atena tenha se consolidado como uma deusa masculina, não por ser um arquétipo da civilização e do conhecimento, mas por ser uma deusa que defende o avanço do patriarcado e a punição às mulheres pelos erros dos homens.

Falamos no quinto e no sexto encontro sobre a educação como uma ferramenta de manutenção da cultura patriarcal, o que as professoras da pesquisa discordam, pois para elas a escola é um local de acolhimento ao feminino. A escola se apresenta como um local de proteção para as professoras, por se encontrarem acolhidas neste espaço e na convivência com seus pares. A presença da máquina de lavar como símbolo é no mínimo interessante, pois uma das minhas motivações para a pesquisa foi a regra estabelecida sobre as vestimentas das adolescentes. Falar sobre a roupa exige uma certa coragem para falar de si mesma e do seu próprio corpo. A máquina lava as roupas que cobrem o meu corpo, ou da mesma forma poderia ser a máquina que lava as roupas que enfeitam e que valoram o meu corpo, que é feminino. Professoras são mulheres e mulheres têm corpo, têm desejos e têm alma, e mesmo quando escondemos nossos

desejos mais ardentes, eles aparecem, ainda que seja sobre a regra de controle sobre o corpo da outra.

Entendo o arquétipo de Atena muito presente nesta regra, pois ainda existe na sociedade um pensamento sobre a culpabilização das mulheres sobre os abusos sofridos. A Professora Paula, sobre o machismo na escola ou na sociedade, discorre:

Eu não vejo a escola como uma questão de controle, o que mudou foi o sistema. Não vejo a escola com uma fundamentação machista... Machismo é só uma questão de não se permitir. Eu não vejo uma disputa, cada um tem seu espaço, não consigo ver a diferença entre homens e mulheres. A escola não tem a ver com o físico, é o intelectual. Em que sentido será compreendido pelo outro. A questão da vestimenta não seria uma questão machista, pois a regra existe para as roupas dos meninos também.

Seguindo esta fala, a Professora Paula apresenta uma borboleta, a qual ela mesma liga ao símbolo da “*constante mutação, pois sempre tivemos uma liberdade um tanto tolhida, acho que a gente tem liberdade para conquistar o que quiser, acho que significa asas, voo*”. Não raras vezes, o machismo aparece na fala das mulheres como algo que ficou no passado, algo que as avós, as mães e as tias passaram, mas que na vida atual delas não existe. Quando falam da sociedade a referem como algo distante, como se a escola e suas famílias não vivessem na mesma sociedade que possui elementos da misoginia.

A Professora Isabel faz uma relação com a deusa Atena e as Professoras e diz:

Eu gosto muito desta deusa. Eu a vejo muito forte e até masculinizada. A maioria das deusas gosta de mostrar o corpo, já ela faz a mediação. Eu não gosto da guerreira, acho que a questão é a ponderação, de saber ponderar, do cuidado, da segurança, da fala. Na educação eu vejo o lado da ponderação, de saber o momento certo de agir, de falar. Eu sempre estive rodeada de mulheres ponderadas, eu vejo muito jogo de cintura para levar a educação, isso é muito feminino. Eu acho legal, simplesmente, a mediação de conflito. A gente se vê um pouco mais ponderada. E os homens se sobressaem não pelo diálogo, mas a gente sempre tenta conversar.

Na fala da Professora Paula encontramos a separação da mente e do corpo, como se fosse possível ser um ser pensante sem um corpo. A deusa Atena, além da deusa do conhecimento, também é uma deusa guerreira de um físico forte. Não há como entender o corpo feminino somente a partir da feminilidade, mas como uma força necessária para acolher o conhecimento e a sabedoria que há no arquétipo de Atena. Superar o câncer de mama, a perda do filho, entre outras situações que as mulheres irão enfrentar no decorrer da vida. Não é à toa que Atena já nasce com sua armadura e espada em punhos, pois ela está pronta para todas as batalhas. Por certo, para isso não é só o físico, mas a totalidade do ser.

Quando escrevi *As Deusas e a Mulher* (1984), a diferença arquetípica entre Ártemis e Atena era nítida dos dois lados da fronteira feminista. Os arquétipos de Atena apoiavam os valores patriarcais; os de Ártemis abriam portas de oportunidades que

havam sido fechadas às mulheres. Então as Atenas, que não pareciam ter nenhum senso de irmandade, atravessaram essas portas. Nos anos intermediários, muitas mulheres no molde Atena se depararam com tetos de vidro, a discriminação em salários e promoções; descobriram a misoginia e tiveram em primeira mão a experiência daquilo que as feministas vinham denunciando. Com um pouco de reflexão, as Atenas podem até ter descoberto que alimentavam preconceitos contra as próprias mulheres. Graças ao racismo e a homofobia entranhados na alma, viver numa cultura patriarcal e aceitar seus valores significa, para uma mulher, considerar as outras inferiores e ela própria uma exceção - até ser também discriminada (BOLEN, 2020, p. 183 e 184).

Pensei muitas vezes sobre a fala “o machismo é uma questão de não se permitir” trazido pela Professora Paula. Já sabemos que usar roupas compridas não impede os abusos, e que a maior parte das violências contra as mulheres são cometidas dentro dos próprios lares. Os salários mais baixos são pagos às mulheres, e quanto mais feminizada uma profissão, menores os salários. Esta situação reforça novamente uma inconsciência sobre a cultura patriarcal e suas implicações, dando uma falsa ilusão de que o machismo acontece para as mulheres que se expõem, ou melhor, se impõem, dando a falsa impressão de que “se eu evitar assuntos polêmicos ou até mesmo discordar de homens, não serei afligida por qualquer comportamento machista”.

Na fala da Professora Isabel encontramos aspectos da constituição do papel da mulher: aquela que sabe quando falar, cuidar e ainda é ponderada, já abordado por Louro (1997), quando a autora escreve sobre as mulheres na sala de aula. A Professora também relaciona o jogo de cintura à profissão e às mulheres, ou melhor, ao que se espera das mulheres enquanto professoras. Há uma alta demanda de trabalho burocrático e de cuidado, além de conciliar com o trabalho doméstico e a vida pessoal. Para esta professora, as mulheres não são guerreiras, são ponderadas. Atribuir o título de guerreira às mulheres é atribuir força, seja ela física, intelectual, espiritual ou emocional, porém acreditamos que força é uma característica masculina, que não pertence às mulheres. Atena, como todo arquétipo, possui um aspecto inferior e outro superior. Quando tornamos nossas sombras conscientes podemos nos relacionar com esses aspectos e torná-los potência no desenvolvimento psíquico.

Atena, no mito de Medusa, apresenta seu aspecto inferior, porém a deusa também é uma guerreira, que pode nos auxiliar a vencer nossas próprias batalhas. O poder de decisão de ir para a luta é tão importante quanto a ponderação. Quando as mulheres se tornarem conscientes de que o machismo não é apenas para as mulheres que se permitem e sim para todas aquelas que representam o feminino na sociedade patriarcal, entenderão que não são a exceção, trazida por Bolen (2020). Elas apenas não tinham consciência do quanto a sociedade patriarcal pode ser ofensiva e violenta às mulheres. A Professora Eugênia diz:

Eu não consigo ver indícios de que a escola é machista. Não é um lugar onde a instituição é machista. É claro que o machismo está enraizado. É um lugar onde as mulheres chegaram a um cargo. É um lugar como outro qualquer, não se destaca. O machismo para mim seria um homem ter benefícios porque é homem. Eu sempre pensei a respeito da roupa. É a questão lugar. Existem certos parâmetros. A gente deve ter uma regra. Esses tempos resolveram ir de chinelo e meia... não há como negar o machismo, não perder para um homem só porque é homem. E acredito que enquanto mulheres, não devemos focar em discutir vestimentas e sim salários.

A Professora Arminda demonstra uma preocupação com as vestimentas como uma forma de proteção às meninas:

Eu vejo a vestimenta como um cuidado. Eu acho que é um aprendizado. A roupa para mim é uma coisa da exposição. Há uma precocidade muito grande entre os adolescentes. Eles estão muito precoces para tudo. A gente como professor... eu chamo a atenção como um cuidado. Todos os ambientes que nós temos, têm regras. Eu tenho um filho de doze anos, eles não têm maldade. A gente não vê com aquele olhar de: Meu Deus! E nem todo mundo vai olhar para uma menina com a roupa curta e vai ter o mesmo olhar. Eu não levo pelo lado da preservação, mas pelo lado das regras, eles não têm maturidade. Eu gosto de usar cropped. Eu também acho que dependendo do local estamos mais expostas de roupa curta. Tem certos lugares para cada coisa.

Mesmo que o cuidado seja uma forma de justificar a regra sobre as vestimentas femininas, se tivéssemos uma sociedade e uma escola que se dedicasse à educação dos meninos ao respeito às mulheres, não precisaríamos nos preocupar com uma regra de como as mulheres devem se vestir e o quanto seus corpos podem vir a provocar um homem. Entende-se que a vestimenta como ferramenta de controle ao feminino não é algo que estas mulheres criaram. Na fala da Professora Eugênia, a regra se justifica pela necessidade de existir uma regra, mesmo que ela não possua uma fundamentação.

Nesta pesquisa eu me propus a encontrar subsídios inconscientes da sociedade patriarcal a partir da minha inquietação sobre a regra das vestimentas. No entanto, falar sobre a vestimenta não fala apenas de estética ou de roupas, fala de a liberdade do feminino poder exercer seus desejos e suas vontades. Poder exercitar o poder de escolha sem o medo de ser subjugado. Acredito que o feminino jovem necessite de orientação dos femininos mais velhos e não do julgamento. A liberdade de discutir sobre as próprias vestimentas traria às mulheres a liberdade de discutir salários, de não aceitarem menos do que merecem e a consciência. Mulheres são tratadas com o sexo inferior, como traz Beauvoir (2016), mas ainda continuamos afirmando que a escola não pertence à cultura patriarcal ou que o patriarcado não chega até a escola.

Todavia, atualmente, no Brasil, há uma grande parcela de crianças e jovens que tem acesso à educação, então algo está errado na educação quando a escola é imune à sociedade e vice-versa. Ter um grande número de mulheres nas escolas não é suficiente para desconstruir os ideais misóginos - é preciso ter consciência do quanto isso impacta a vida das mulheres e

trabalhar para isso. É preciso ter consciência sobre o feminino e o quanto de força habita em nós. É necessário acordar os arquétipos das deusas que habitam na nossa psique, é preciso reconhecer nosso lugar enquanto mulheres. Não basta ter uma vida diferente das avós, das tias, das mães, é preciso muito mais do que isto. É assumir de fato o lugar de **mulher e professora**, é preciso que a sociedade saiba que a escola educa mulheres para serem mulheres e educa homens para respeitarem mulheres.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como sua ideia central abordar a elaboração do ser docente das professoras além da formação acadêmica. A partir dos processos vividos no decorrer de sua história, cada pessoa vai vivenciado e elaborando sua própria subjetividade, aquilo que se torna parte do seu ser e a diferencia de todas as demais. Pensar uma educação que englobe a totalidade do ser humano tem se tornado cada vez mais necessário para a realidade dos tempos em que vivemos. Os(as) professores(as), cada vez mais atarefados com as demandas às quais são submetidos(as) pelo sistema, quase não encontram tempo para o cuidado consigo, pois existe a necessidade que o profissional esteja bem formado academicamente, de forma continuada, mas se desconsidera o que é vivido por este profissional para além desta formação.

Por abordar este tema com mulheres e professoras, uso o arquétipo do feminino como forma de autoconhecimento e para a amplificação simbólica, que guia a base metodológica desta pesquisa. Iniciei na pesquisa por seis narrativas mitológicas de deusas gregas: Afrodite, Atena, Ártemis, Perséfone, Hera e Deméter, as quais foram me levando a outras.

As narrativas ancestrais femininas, trazidas como a sabedoria de vida por Campbell (2000) propiciou este olhar minucioso as histórias narradas pelas professoras amplificando o que ressoava em várias outras mitologizações femininas, entendendo que a raiva, as alegrias, o amor, a liberdade, o conhecimento, a escolha, a sabedoria, o poder de decisão, a sabedoria, o prazer, entre outros elementos, não são aspectos novos ligados ao feminino, são aspectos antigos que na constituição da cultura baseada no patriarca foi negada as mulheres. Nas culturas ancestrais que acreditavam numa deidade feminina- seja ela monoteísta ou politeísta- as mulheres possuíam maior poder, ou seja, o poder do gênero está relacionado a constituição do ser numinoso a ser acreditado e a submissão do sexo oposto da deidade suprema.

O arquétipo do feminino permitiu que as mulheres olhassem para a construção da sua própria história de vida, suas dores, seus sofrimentos, suas alegrias e suas próprias negações. O menosprezo ao arquétipo, existente na sociedade na qual vivemos, faz com que muitas mulheres não consigam refletir e romper as paredes do que lhes é imposto pela sociedade. A crença sobre a inferioridade do arquétipo do feminino construída pela sociedade patriarcal, aliado ao mito cristão no qual a mulher é tida como um ser que deve submissão ao homem e foi criada para servi-lo, são narrativas que foram constituídas para garantir a soberania do sexo masculino, entendendo que o deus que rege a sociedade é criado conforme o poder que um dos sexos exerce sobre outro. Autoras como Corbett (1990) e Stone (2022) trazem em suas pesquisas que

sociedades nas quais as mulheres eram prestigiadas e gozavam de uma certa soberania, a deidade adorada era uma deusa.

A escola, um espaço profissionalmente composto em sua maioria por mulheres, ainda contém elementos de uma professora do século XX, no qual as professoras relatam que as mulheres são mais ponderadas que os homens no exercício da sua função e a questão do machismo é apenas para as mulheres que se permitem. Ao mesmo tempo que a partir das suas vivências e das batalhas enfrentadas na vida dão à luz, nutrem e, como mães ursas, criam e protegem os novos femininos que emergem.

Na amplificação simbólica encontro aspectos que se complementam e se opõem. Ao mesmo tempo que algumas professoras trazem em suas falas a manutenção da sociedade patriarcal, trazem como símbolo a borboleta, como um certo desejo de transformação. Mudanças não ocorrem do dia para a noite, mas é possível sentir uma pequena abertura para o acolhimento do feminino, primeiramente em si mesmas, e, a partir desse feminino cuidado e nutrido, poder cuidar e inspirar os femininos jovens.

A abordagem sensível para acolher e valorar tudo que foi trazido pelas professoras foi usada durante o processo de intervenção desta pesquisa, compreendendo que por mais que a escola ainda tenha em sua organização conhecimentos fragmentados, valorizar as(os) profissionais da educação na sua totalidade não é uma utopia e sim uma tarefa necessária para uma educação que eduque para as diferenças e beneficie todos os seres humanos, independentemente da cor, da raça, da idade, da religião ou do sexo.

Como uma pesquisa reflexiva, qualitativa e descritiva, os questionamentos e o pensar sobre o que era proposto me guiou para compreender o que era trazido pelas integrantes da pesquisa. O devaneio e a imagem poética foram meus grandes aliados no decorrer deste processo, tanto na intervenção, juntamente com as professoras, como na escrita desta dissertação. Os autores da psicologia analítica me auxiliaram na fundamentação teórica desta pesquisa, pois raras são as abordagens que tratem a educação como um aspecto impulsionador da vida e não a separem apenas como uma especialidade a ser estudada.

Ao findar esta pesquisa, constata-se a necessidade das professoras serem valorizadas; que não sejam meras tarefeiras; que a educação seja tratada com a grandiosidade e a importância que possui; que as mulheres sejam respeitadas por serem mulheres; e que os processos vividos

por cada profissional sejam tratados com igual importância a formação acadêmica, pois a cada nova vivência temos uma nova professora, como foi percebido nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo** - Volume 1: Fatos e Mitos. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOECHAT, W. **O Livro Vermelho de C.G. Jung**: jornada para profundidades desconhecidas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOLEN, J. S. **Ártemis**: a personificação arquetípica do espírito feminino independente. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

BULFINCH, T. **O livro de Ouro da Mitologia**: Histórias de deuses e heróis. 14 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

BYINGTON, C. A. B.. **Pedagogia Simbólica**: A construção amorosa do conhecimento de ser. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1996.

CAMPBELL, J. **A Imagem Mítica**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 2000.

CAMPBELL, J. **O poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

CAVALCANTE, R.; GÓIS, C. W. de L.. **Educação Biocêntrica**: ciência, arte, mística, amor e transformação. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

CORBETT, N. Q. **A Prostituta Sagrada**: a face sagrada do feminino. 1 ed. São Paulo: Paulus, 1990.

DORNELES, M. do A.; ARENHALDT, R. Disposições ético-estético-afetivas na pesquisa em educação. In: FEITOSA, D. A.; DORNELES, M. do A.; BERGAMASCHI, M. A. **O Sensível e a Sensibilidade na Pesquisa em Educação**. Cruz das Almas: UFRB, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONSECA, C. **Amores, Marias, Marés**. 1.ed. São Paulo. Editora Jangada, 2023.

HAYNES, N. **Olhar Petrificante**: A História da Medusa. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Jangada, 2023.

HILLMAN, J. **Anima**: A Psicologia arquetípica do lado feminino da alma no homem e sua interioridade na mulher. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2020.

HOLLIS, J. **Mitologemas**: encarnações do mundo invisível. São Paulo: Paulus, 2005.

JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos**. 3 ed. especial. Rio de Janeiro: Editora Harper Collins, 2016.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11 ed. especial. Petrópolis: RJ Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **O Livro Vermelho**. 4 ed. especial. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KOLTUV, B. B. **O Livro de Lilith: O resgate do lado sombrio do feminino universal**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

KOPENAWA, D. ALBERT, B. **A Queda do Céu: palavras de um Xamã Yanomami**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORI, M. (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 443-481.

MENEZES, A. L. T. de. **Cartas a Afrodite: a mulher em busca de Eros**. 1.ed. Porto Alegre. Cirkula, 2021.

MIRADAS. Documentário dirigido por Renata Meirelles e Sandra Eckschmidt. São Paulo: Alana e Instituto do Brincar, 2019.

NEUMANN, E. **Eros e Psiquê: Amor, Alma e Individuação no Desenvolvimento Feminino**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

RINNE, O. **Medeia: A Redenção do Feminino Sombrio como Símbolo de Dignidade e Sabedoria**. 2. ed. São Paulo: Cultrix. 2017.

ROBERTO, G. L.; MENEZES, A. L. T. de; A pesquisa do sensível e a alma do mundo. *In*: MENEZES, A. L. T. de; BERGAMASCHI, M. A.; SOUZA, F. R. S. (orgs.). **Aprendizagens interculturais na educação e na psicologia**. 1. ed. Porto Alegre: Cirkula, 2021, p. 215-233.

ROBLES, M. **Mulheres, Mitos e Deusas: O feminino através dos tempos**. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SCHAPIRA, L. L. **O Complexo de Cassandra: Histeria, Descrédito e o Resgate da Intuição Feminina no Mundo Moderno**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2018.

STONE, M. **Quando Deus era Mulher**. São Paulo: Goya, 2022.

WOOLGER, J. B; WOOLGER, R. J. **A Deusa Interior**. Um guia sobre eternos mitos femininos que moldam nossas vidas. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.